



SANGUE FELINO

A SAGA DO SANGUE FRESCO - VOLUME VII

CHARLAINE HARRIS

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

Sangue Fresco
Dívida de Sangue
Clube de Sangue
Sangue Oculto
Sangue Furtivo
Traição de Sangue
Sangue Felino

Este livro é dedicado a algumas das mulheres que me orgulho de ter como amigas: Jodi Dabson Bollendorf, Kate Buker, Toni Kelner, Dana Cameron, Joan Hess, Eve Sandstrom, Paula Woldan e Betty Epley. Todas significaram para mim algo diferente e sinto-me grata por vos ter conhecido.



Agradecimentos

Há algumas pessoas a que agradei antes e às quais preciso de voltar a agradecer: Robin Burcell, antigo polícia e actual escritor, e o agente do FBI George Fong, que foram fantásticos nas respostas às minhas perguntas sobre segurança e desactivação de bombas. Agradeço as informações de Sam Saucedo, antigo pivô noticioso e actualmente escritor, que me explicou algumas coisas sobre política fronteiriça. Também preciso de agradecer a S.J. Rozan, que respondeu com gentileza às minhas perguntas sobre arquitectura, apesar de a parte dos vampiros ter sido um choque notório. Posso ter usado mal as informações que me facultaram, mas foi por uma boa causa. Como sempre, tenho uma grande dívida para com a minha amiga Toni L.P. Kelner, que leu a primeira versão do texto sem se rir na minha cara. E preciso de tirar o chapéu à minha nova responsável pela continuidade, Debi Murray; de agora em diante, se cometer erros, tenho alguém a quem culpar. Devo muito aos muitos leitores maravilhosos que visitam o meu *site* (www.charlaineharris.com) e deixam mensagens de encorajamento e interesse. Beverly Batillo, a presidente do meu clube de fãs, incentivou-me muitas vezes quando me sentia em baixo.



1

O bar de vampiros de Shreveport abriria tarde naquela noite. Estava atrasada e fui directamente à porta da frente, a porta dos clientes, onde fui travada por uma placa recém-pintada com letras góticas sobre cartão branco: ESTAREMOS PRONTOS PARA O RECEBER COM UMA DENTADA ESTA NOITE, ÀS OITO. PEDIMOS DESCULPA PELA ABERTURA TARDIA. Estava assinada pelos «Funcionários do *Fangtasia*».

Era a terceira semana de Setembro e, por isso, o letreiro néon dizendo *FANGTASIA* estava já ligado. O céu estava quase negro. Mantive um pé dentro do carro durante um minuto, desfrutando da noite serena e sentindo o cheiro ténue e seco a vampiro que pairava em redor do bar. A seguir, dirigi-me para as traseiras e estacionei ao lado de vários outros carros alinhados junto à entrada de serviço. Só me atrasara cinco minutos, mas parecia ser a última a chegar à reunião. Bati à porta. Esperei.

Ergui a mão para bater novamente quando Pam, o braço direito de Eric, abriu. Pam centrava as suas actividades no bar, mas tinha também outros deveres nos negócios variados de Eric. Apesar de os vampiros terem tornado pública a sua existência cinco anos antes, mostrando ao mundo a sua melhor face, continuavam a guardar em grande segredo as suas formas de ganhar dinheiro e, por vezes, pensava na verdadeira extensão das posses da América não-morta. Eric, o

proprietário do *Fangtasia*, era um verdadeiro vampiro na forma como guardava as coisas para si. Claro que a sua existência muito longa o obrigara a isso.

— Entra, minha amiga telepata — disse Pam, com um gesto dramático. Usava a farda de trabalho: o vestido justo com uma grande cauda que todos os turistas que vinham ao bar esperavam ver nas vampiras. (Quando podia escolher o que vestia, Pam era uma mulher de cores pastel e conjuntos de saia-casaco.) Tinha o cabelo louro mais claro e liso que alguma vez vira. O seu encanto era etéreo, temperado pelo perigo mortal. O perigo mortal era a parte que ninguém devia esquecer.

— Como estás? — perguntei, educadamente.

— Estou excepcionalmente bem — respondeu. — E o Eric está muito feliz.

Eric Northman, o xerife vampiro da Área Cinco, transformara Pam obrigando-a a obedecer às suas ordens. Fazia parte do pacote da transformação: a fidelidade total ao criador. Mas Pam contara-me mais do que uma vez que Eric era um bom mestre e que a deixaria partir se algum dia desejasse fazê-lo. Aliás, vivera no Minnesota até Eric comprar o *Fangtasia* e a chamar para o ajudar na gestão.

A Área Cinco integrava a maior parte do Noroeste do Louisiana que, até ao mês anterior, fora a metade pobre do estado. Desde o Furacão Katrina, o equilíbrio de poderes estadual mudara de forma dramática, sobretudo na comunidade vampira.

— Como está aquele teu irmão delicioso, Sookie? E o teu patrão metamorfo? — perguntou Pam.

— O meu irmão delicioso não pára de falar em casar-se, como toda a gente em Bon Temps — respondi.

— Pareces-me um pouco deprimida. — Pam inclinou a cabeça para um lado e olhou-me como um pardal olharia uma minhoca.

— Talvez um bocadinho — admiti.

— Precisas de te manter ocupada — disse Pam. — Se o fizeres, não terás tempo para melancolias.

Pam adorava a coluna de conselhos da «Querida Abby». Muitos vampiros liam atentamente a coluna diária. As suas soluções para alguns dos problemas dos «correspondentes» dariam vontade de gritar. Literalmente. Pam dissera-me noutras ocasiões que as pessoas apenas podiam aproveitar-se de mim se o permitisse e que precisava de ser mais selectiva na escolha de amizades. Tinha uma vampira a aconselhar-me acerca da minha saúde emocional.

— E mantenho — disse. — Mantenho-me ocupada. Trabalho, tenho uma amiga de Nova Orleães a viver comigo e vou a uma despedida de solteira amanhã. Não do casamento do Jason e da Crystal. De outro casal.

Pam hesitou, com a mão na maçaneta da porta do gabinete de Eric. Pensou no que dissera, franzindo a testa.

— Não consigo recordar o que é uma despedida de solteira, apesar de ter ouvido falar delas — disse. Pareceu animar-se. — Vão sair da cidade depois de casarem? Não. De certeza que já ouvi essa expressão antes. Uma mulher escreveu à Abby a dizer que não tinha recebido um cartão de agradecimento por um grande presente de despedida de solteira. Recebem... presentes?

— É isso mesmo — admiti. — É uma festa para alguém que se vai casar. Às vezes pode ser para os dois elementos do casal e estão os dois presentes. Mas, habitualmente, só participa a noiva e as convidadas são só mulheres. Todas trazem uma prenda. A teoria é permitir que o casal possa começar a sua vida em conjunto com tudo aquilo de que precisa. Fazemos uma festa parecida quando um casal espera um filho. Chama-se «chá de bebé».

— Chá de bebé — repetiu Pam. Esboçou um sorriso assustador. Era suficiente para arrepiar quem visse aquele erguer de lábios. — Gosto do nome — disse. Bateu à porta de Eric e abriu-a. — Eric — disse —, talvez uma das empregadas engravide um dia e possamos ir a um chá de bebé.

— Seria digno de se ver — considerou Eric, movendo a cabeça loura e erguendo os olhos dos papéis sobre a secretária. O xerife percebeu a minha presença, lançou-me um olhar duro e decidiu ignorar-me. Eric e eu tínhamos assuntos por resolver.

Apesar de o gabinete estar cheio de gente à espera da sua atenção, Eric pousou a caneta e ergueu-se para alongar o corpo alto e magnífico. Possivelmente para meu benefício. Como era habitual, vestia calças de ganga apertadas e uma camisola preta de manga curta do *Fangtasia*, com os dentes brancos estilizados que o bar usava como imagem de marca. Lia-se *Fangtasia* em letras vermelhas dramáticas, de canino a canino. O tipo de letra era o mesmo do letreiro néon no exterior. Se Eric se voltasse, conseguiria ler nas costas: «O Bar que Morde». Pam oferecera-me uma quando o *Fangtasia* começou a comercializar os seus produtos.

Eric tornava a camisola fantástica e recordei demasiado bem o que ela cobria.

Afastei os olhos do alongar de Eric para olhar em redor. Havia muitos outros vampiros enfiados no espaço reduzido, mas ninguém saberia que lá estavam até os ver, por permanecerem tão quietos e silenciosos. Clancy, o gerente do bar, ocupara uma das duas cadeiras diante da secretária. Sobrevivera à justa à Guerra das Bruxas do ano anterior, mas não sem mazelas. As bruxas tinham-no drenado quase até ao limite. Quando Eric o descobriu, seguindo-lhe o cheiro até um cemitério de Shreveport, Clancy morreria se enchessem mais um frasco com o seu sangue. Durante a longa recuperação, o vampiro ruivo tornara-se amargo e nervoso. Agora, sorria-me, mostrando os caninos.

— Podes sentar-te no meu colo, Sookie — disse, batendo com a mão nas coxas.

Retribuí o sorriso, mas sem vontade.

— Não, obrigada, Clancy — disse-lhe, educadamente. Os avanços de Clancy sempre tinham sido vigorosos, mas esse vigor multiplicara-se ainda mais. Era um daqueles vampiros com que ninguém gostaria de ficar a sós. Apesar de ser um gestor capaz e de nunca me ter tocado com um dedo, fazia soar sinais de alarme. Não consigo ler mentes de vampiro e era por isso que achava refrescante passar tempo com eles, mas, quando sentia o arrepio do alarme, dava comigo a desejar poder entrar na cabeça de Clancy e descobrir o que se passava lá dentro.

Felicia, a empregada de bar mais recente, sentava-se no sofá, juntamente com Indira e Maxwell Lee. Parecia um anúncio da *Benetton* com vampiros. Felicia era uma mistura afortunada de genes africanos e caucasianos e quase passava o metro e oitenta, o que significava que havia grande extensão de beleza para apreciar. Maxwell Lee era um dos homens mais escuros que alguma vez vira. A pequena Indira era filha de imigrantes indianos.

Havia mais quatro pessoas no gabinete (usando a palavra «pessoas» em sentido muito lato) e cada uma delas me deixava preocupada, ainda que em graus diferentes.

Comportei-me como se não tivesse visto uma delas. Fazia algo que aprendera com os lobisomens, tratando-o como se fosse um membro banido da minha alcateia. Renegara-o. Não dizia o seu nome, não falava com ele, não reconhecia a sua existência. (Claro que era o meu ex, Bill Compton... cuja presença ignorava, taciturno a um canto.)

Encostada à parede a seu lado estava Thalia, que talvez fosse ainda mais velha do que Eric. Era tão baixa como Indira e muito pálida, de cabelo preto ondulado. Além disso, era também extremamente rude.

Para meu espanto, alguns humanos consideravam essa particularidade muito excitante. Thalia tinha uma legião de seguidores devotos que pareciam encantados quando usava o seu inglês pomposo para os mandar foder. Descobri que tinha mesmo um *site*, fundado e mantido por fãs. Estranho. Pam contara-me que, quando Eric autorizou Thalia a viver em Shreveport, fora o mesmo que prender um *pitbull* mal treinado no quintal. Pam não aprovara.

Todos aqueles cidadãos não-mortos viviam na Área Cinco. Para viver e trabalhar sob a protecção de Eric, todos lhe tinham jurado fidelidade. Por isso, era-lhes exigido que dedicassem uma parte determinada do seu tempo ao cumprimento das suas ordens, mesmo que não trabalhassem no bar. Havia alguns vampiros adicionais em Shreveport, desde o Katrina. Tal como muitos humanos, precisavam de ir para algum lado. Eric não decidira o que fazer com os refugiados não-mortos e não tinham sido convidados para a reunião.

Naquela noite, havia dois visitantes no *Fangtasia*, um dos quais superava Eric na hierarquia.

Andre era o guarda-costas pessoal de Sophie-Anne Leclercq, a Rainha do Louisiana, que fora evacuada para Baton Rouge. Andre parecia muito jovem. Aparentava ter uns dezasseis anos. A sua face era suave como a de um bebé e o cabelo claro era volumoso e abundante. Passara a sua longa existência zelando apenas por Sophie-Anne, a sua criadora e salvadora. Não trazia o sabre naquela noite porque não desempenhava as funções habituais de guarda-costas. Mas estava certa de que viria armado com alguma coisa, faca ou pistola. O próprio Andre era uma arma mortal, armado ou não.

Quando Andre se preparava para me falar, uma voz grave para além da sua cadeira disse:

— Olá, Sookie.

O segundo visitante, Jake Purifoy. Forcei-me a ficar quieta quando todos os instintos me diziam que devia fugir do gabinete. Estava a ser uma idiota. Se não fugira por ver Andre, Jake não me devia preocupar. Obriguei-me a acenar com a cabeça ao jovem atraente que ainda parecia vivo. Mas soube que a saudação não pareceu natural. Fazia-me sentir uma mistura terrível de piedade e medo.

Jake nascera lobisomem, fora atacado por uma vampira e sangrara quase até à morte. No que talvez tivesse sido um gesto de piedade insensato, a minha prima Hadley (outra vampira) descobrira o corpo quase sem vida de Jake e transformara-o. Poderia considerar-se uma

boa acção, mas, aparentemente, ninguém apreciara realmente a bondade de Hadley... nem sequer o próprio Jake. Não havia memória de um lobisomem transformado. Os lobisomens não gostavam dos vampiros e desconfiavam deles. Os sentimentos negativos eram profundamente recíprocos. A situação era muito dura para Jake, que ocupava uma terra de ninguém solitária. A rainha atribuíra-lhe um posto ao seu serviço, já que mais ninguém avançou.

Cego de fome, Jake tentara transformar-me na sua primeira refeição como vampiro. Ainda tinha uma cicatriz vermelha no braço como resultado disso.

Que noite maravilhosa seria aquela.

— Menina Stackhouse — disse Andre, erguendo-se da segunda cadeira à frente da secretária. Curvou-se. Era um tributo sincero e animou-me um pouco.

— Sr. Andre — repliquei, retribuindo a vénia. Andre moveu a mão para indicar educadamente a cadeira de onde se levantara. Porque isso resolveria o problema do meu posicionamento, aceitei.

Clancy pareceu desagrado. Deveria ter sido ele a oferecer-me o lugar, por ser um vampiro de posição inferior. A acção de Andre indicava-o com a clareza de uma seta em néon. Esforcei-me por não sorrir.

— Como está Sua Majestade? — perguntei, tentando ser tão cortês como Andre fora. Seria exagerado dizer que gostava de Sophie-Anne, mas não tinha dúvidas de que a respeitava.

— É esse um dos motivos que me traz aqui esta noite — disse. — Eric, podemos começar? — Uma censura delicada dos esforços de Eric para desperdiçar tempo, pensei. Pam agachou-se ao lado da minha cadeira.

— Sim. Já estamos todos. Quando queiras, Andre. Dou-te a palavra — disse Eric, com um sorriso discreto motivado pelo seu uso de terminologia formal moderna. Recostou-se na cadeira, erguendo as pernas longas e apoiando os pés nos cantos da secretária.

— A vossa rainha tem vivido em casa do xerife da Área Quatro em Baton Rouge — disse Andre ao pequeno grupo. — O Gervaise foi muito gentil ao oferecer a sua hospitalidade.

Pam arqueou uma sobrancelha, olhando-me. Gervaise teria ficado sem cabeça se não tivesse oferecido a sua hospitalidade.

— Mas ficar em casa do Gervaise poderá ser apenas uma solução temporária — prosseguiu Andre. — Fomos várias vezes a Nova

Orleães depois da tragédia. Apresentarei em seguida um relatório do estado da nossa propriedade.

Apesar de nenhum dos vampiros se ter movido, senti que a sua atenção tinha aumentado.

— O quartel-general da rainha perdeu a maior parte do telhado e, por isso, a água provocou danos extensos no segundo piso e no sótão. Além disso, um grande fragmento de um telhado vizinho aterrou no interior do edifício, deixando um amontoado de entulho e alguns buracos nas paredes. São problemas como este. Enquanto secamos o interior, o telhado continua coberto com plástico azul. Um dos motivos para ter vindo até aqui foi procurar um construtor que inicie imediatamente o trabalho de reparação da cobertura. Até agora, não tenho tido sorte. Se algum de vós tiver influência sobre um humano que faça este tipo de trabalho, preciso da vossa ajuda. No piso térreo, houve muitos danos menores. Entrou alguma água. E também tivemos saqueadores.

— Talvez a rainha devesse permanecer em Baton Rouge — disse Clancy, em tom malicioso. — De certeza que o Gervaise ficaria encantado com a possibilidade de a hospedar em permanência.

O que provava que Clancy era um idiota suicida.

— Uma delegação de líderes de Nova Orleães veio visitar a rainha em Baton Rouge para solicitar o seu regresso à cidade — disse Andre, ignorando Clancy por completo. — Os líderes humanos pensam que, se os vampiros regressarem a Nova Orleães, o turismo voltará ao que era. — Andre fitou Eric com um olhar frio. — Entretanto, a rainha falou com os outros quatro xerifes acerca dos aspectos financeiros da reparação dos edifícios de Nova Orleães.

Eric inclinou a cabeça de forma quase imperceptível. Era impossível dizer o que sentia por ter de contribuir para suportar as obras da rainha.

Nova Orleães fora a meca dos vampiros e dos que queriam conviver com eles desde que Anne Rice provara ter razão acerca da sua existência. A cidade era como uma Disneylândia para vampiros. Mas, com o Katrina, tudo isso acabara, claro, juntamente com muitas outras coisas. Até Bon Temps sentia os efeitos, desde que o furacão atingira a costa. A nossa pequena cidade continuava apinhada com gente que fugira do Sul.

— E quanto à propriedade que a rainha usa para recepções? — perguntou Eric. A rainha tinha comprado um velho mosteiro no limiar do *Garden District* para receber grandes números de pessoas, vampiros

ou não. Apesar de rodeada por um muro, a propriedade não era vista como sendo facilmente defensável (porque era um edifício protegido, com valor histórico e não podendo sofrer alterações, as janelas não podiam ser tapadas). Era por isso que a rainha não vivia lá. Pessoalmente, via o mosteiro como o seu celeiro para festas.

— Não sofreu grandes danos — disse Andre. — Também foi atacado por saqueadores. Claro que deixaram um rasto com o seu cheiro. — Os vampiros apenas eram superados pelos lobisomens na sua capacidade de seguir rastos. — Um deles abateu o leão a tiro.

Senti pena. Gostara do leão. Mais ou menos.

— Precisas de ajuda com a captura? — perguntou Eric.

Andre arqueou uma sobrancelha.

— Pergunto apenas porque o vosso número foi reduzido — explicou Eric.

— Não. Já foi tratado — disse Andre, sorrindo apenas um pouco. Tentei não pensar no assunto.

— Além do leão e dos saques, como ficou a propriedade? — perguntou Eric, para voltar à discussão dos danos provocados pelo furacão.

— A rainha pode alojar-se lá enquanto avalia as suas restantes propriedades — continuou Andre. — Mas apenas por uma noite ou duas no máximo.

Houve vários acenos afirmativos breves em redor.

— Quanto à nossa perda de pessoal — disse Andre, avançando na agenda. Todos os vampiros ficaram um pouco mais tensos, até Jake, o novato. — A nossa estimativa inicial foi modesta, como sabem. Presumimos que alguns regressariam depois de o impacto da tempestade ser absorvido. Mas apenas voltaram dez: cinco aqui, três em Baton Rouge, dois em Monroe. Ao que parece, perdemos trinta elementos apenas no Louisiana. O Mississípi perdeu pelo menos dez.

Pelo gabinete, multiplicaram-se os murmúrios e os gestos discretos, como reacção dos vampiros de Shreveport às notícias. A concentração de vampiros, residentes e visitantes, fora elevada em Nova Orleães. Se o Katrina tivesse atingido Tampa Bay com idêntica violência, o número de mortos e desaparecidos teria sido muito menor.

Ergui a mão para falar.

— E o Bubba? — perguntei, quando Andre me deu a palavra com um aceno da cabeça. Não vira Bubba nem soubera nada a seu respeito desde o Katrina. Reconheceriam Bubba se o vissem. Qualquer pessoa no planeta o reconheceria. Pelo menos, qualquer pessoa acima de uma

certa idade. Não morrera por completo no chão daquela casa de banho em Memphis. Mas o seu cérebro tinha sido afectado antes da transformação e não era um vampiro muito convincente.

— O Bubba está vivo — respondeu Andre. — Escondeu-se numa cripta e sobreviveu alimentando-se de pequenos mamíferos. Não está muito bem mentalmente e, por isso, a rainha enviou-o para o Tennessee para ficar com a comunidade de Nashville durante algum tempo.

— Andre trouxe-me uma lista dos desaparecidos — disse Eric. — Vou afixá-la depois da reunião.

Conhecera também alguns dos guardas da rainha e gostaria de saber o que lhes acontecera.

Tinha outra pergunta e voltei a erguer a mão.

— Sim, Sookie? — disse Andre. O seu olhar vazio paralisou-me e lamentei ter pedido para falar.

— Sabem o que pensava? Pensava se um dos reis ou rainhas que vai participar na cimeira, ou lá como lhe queiram chamar, terá um... adivinho do tempo ou algo parecido na sua comitiva.

Vários olhares de incompreensão se voltaram para mim, apesar de Andre ter ficado interessado.

— Porque... ouçam... a cimeira ou conferência ou coisa que o valha devia ter-se realizado originalmente no fim da Primavera. Mas... atraso e mais atraso, certo? E deu-se o Katrina. Se a cimeira tivesse começado quando era suposto, a rainha teria ascendido a uma posição de grande poder. Teria um grande baú de despojos e um exército considerável de vampiros. E talvez não se sentissem tão ansiosos para a julgar pela morte do rei. Seria provável que a rainha obtivesse o que pedisse. Em vez disso, vai como... — queria dizer «uma mendiga», mas mudei de ideias a tempo, olhando Andre — como «alguém muito menos poderoso». — Receava que se rissem ou que me ridicularisassem, mas seguiu-se apenas um silêncio pensativo.

— Será uma das coisas que te caberá procurar na cimeira — disse Andre. — Agora que me deste a ideia, parece estranhamente plausível. Eric?

— Sim, acho que existirá alguma coisa assim — disse Eric, fitando-me. — A Sookie tem jeito para pensar além dos factos.

Pam ergueu a cabeça e sorriu junto ao meu cotovelo.

— E a queixa apresentada pela Jennifer Cater? — perguntou Clancy a Andre. Ele parecia cada vez mais desconfortável na cadeira mas não queria dar a entender isso.

Teria sido possível ouvir cair um alfinete. Não sabia a que se referia o vampiro ruivo, mas pareceu-me que seria melhor descobrir pela resposta do que pedir um esclarecimento.

— Mantém-se activa — disse Andre.

Pam sussurrou:

— A Jennifer Cater preparava-se para ser lugar-tenente do Peter Threadgill. Estava no Arkansas a gerir os assuntos do rei quando a violência irrompeu.

Acenei afirmativamente para transmitir a Pam que apreciava que me informasse. Os vampiros do Arkansas, apesar de não terem enfrentado um furacão, tinham sofrido também uma redução nos seus números, graças ao grupo do Louisiana.

Andre disse:

— A rainha respondeu à queixa, testemunhando que precisou de matar o Peter para salvar a sua vida. Claro que se ofereceu para compensar o fundo comum.

— Porque não compensou o Arkansas? — sussurrei a Pam.

— Porque a rainha mantém que, já que o Peter morreu, o Arkansas passa a pertencer-lhe, de acordo com o contrato de casamento — murmurou-me. — Não pode compensar-se a si própria. Se a Jennifer Cater vencer o processo, a rainha perderá o Arkansas e terá de lhes pagar uma multa. Uma multa enorme. Além de compensação de outro tipo.

Andre começou a vaguear pelo gabinete sem ruído. Era a única indicação de que estava insatisfeito com o assunto.

— Resta-nos dinheiro que chegue depois do desastre? — perguntou Clancy. Era uma pergunta insensata.

— A rainha espera que a queixa seja arquivada — disse Andre, voltando a ignorar Clancy. A sua face de adolescente eterno permanecia impávida. — Mas, ao que parece, o tribunal prepara-se para levar a cabo um julgamento. A Jennifer acusa a nossa rainha de ter atraído o Threadgill a Nova Orleães, para longe do seu território, tendo planeado desde o início desencadear uma guerra e assassiná-lo. — A voz de Andre estava algures atrás de mim.

— Mas não foi o que aconteceu — disse eu. E Sophie-Anne não tinha matado o rei. Eu estivera presente quando morreu. O vampiro atrás de mim naquele preciso momento matara-o e, no momento, pareceu-me que a sua morte fora justificada.

Senti os dedos frios de Andre tocarem-me o pescoço enquanto

ali permanecia sentada. Não conseguiria dizer-vos como sabia que os dedos eram de Andre, mas o toque leve, o segundo de contacto, fez-me perceber subitamente um facto horrível: eu era a única testemunha da morte do rei, além de Andre e Sophie-Anne.

Nunca colocara a questão a mim própria naqueles termos e, por um momento, juraria que o meu coração tinha parado de bater. Durante esse batimento falhado, atraí a atenção de pelo menos metade dos vampiros presentes. Eric arregalou os olhos enquanto me olhava a face. A seguir, o meu coração voltou a bater e o momento passou, como se nunca tivesse acontecido. Mas a mão de Eric contraiu-se sobre a secretária e soube que não esqueceria aquele segundo e que queria saber o que significara.

— Acreditas que o julgamento se realizará? — perguntou Eric a Andre.

— Se a rainha fosse à cimeira como soberana de Nova Orleães, de Nova Orleães tal como era, acredito que o tribunal teria negociado algum tipo de acordo entre Jennifer e a rainha. Talvez alguma coisa que envolvesse a elevação de Jennifer a uma posição de poder como representante da rainha e o pagamento de um grande bónus. Algo nesses termos. Mas, na presente situação... — Seguiu-se um longo silêncio enquanto pensávamos no que ficara por dizer. Nova Orleães não era o que fora e poderia não voltar a ser. Sophie-Anne era um alvo fácil. — Agora, por culpa da insistência da Jennifer, penso que o tribunal avançará com o julgamento — disse Andre.

— Sabemos que não há verdade nas alegações — disse uma voz clara e fria vinda do canto. Conseguira ignorar a presença de Bill, o meu ex. Mas não era algo que fizesse com naturalidade. — O Eric estava presente. A Sookie também — prosseguiu o vampiro (sem nome, acrescentei para mim própria).

Era verdade. A acusação de Jennifer Cater, de que a rainha tinha atraído o rei ao seu celeiro de festas para o matar, era completamente absurda. O banho de sangue tinha sido desencadeado pela decapitação de um dos homens da rainha levada a cabo por um dos seguidores de Peter Threadgill.

Eric esboçou um sorriso nostálgico. A batalha agradara-lhe.

— Ocupei-me de quem começou tudo — disse. — O rei deu o seu melhor para colocar a rainha numa situação embaraçosa, mas não conseguiu, graças à Sookie. Quando o plano não funcionou, recorreu a um ataque frontal. — Acrescentou: — Não vejo a Jennifer há vinte anos. Subiu rapidamente. Deve ser implacável.

Andre colocara-se à minha direita, permitindo-me vê-lo, o que era um alívio. Acenou afirmativamente. Novamente, todos os vampiros presentes se moveram ao mesmo tempo. Não fora exactamente em unísono, mas não andara longe. Raramente me sentira tão deslocada. Era a única a ter sangue quente num gabinete repleto de cadáveres animados.

— Sim — disse Andre. — Normalmente, a rainha desejaria uma comitiva completa. Mas, porque somos forçados a economizar, os números terão de ser cortados. — Novamente, Andre aproximou-se o suficiente para me tocar. Limitou-se a passar-me levemente os dedos pela face.

A ideia desencadeou uma espécie de revelação em miniatura: era assim que se sentia uma pessoa normal. Não fazia a mínima ideia de quais eram as verdadeiras intenções e planos dos meus companheiros. Era assim que as pessoas normais viviam durante toda a vida. Era assustador, mas excitante. Muito parecido com atravessar uma sala cheia de gente com os olhos vendados. Como conseguiriam suportar o suspense do quotidiano?

— A rainha quer esta mulher por perto durante as reuniões, porque estarão presentes outros humanos — continuou Andre. Falava exclusivamente para Eric. Era como se os restantes não estivessem presentes. — Quer conhecer os seus pensamentos. O Stan traz o seu telepata. Conhece-lo?

— Estou aqui sentada — murmurei, mesmo que ninguém tivesse notado além de Pam, que me dirigiu um sorriso radioso. A seguir, com todos aqueles olhos frios fixados em mim, percebi que esperavam que respondesse e que Andre falara comigo. Habituara-me de tal forma a que os vampiros falassem sem parar e me colocassem de parte que me surpreendeu. Revisitei mentalmente as palavras de Andre até perceber que me fizera uma pergunta.

— Só conheci outro telepata e vivia em Dallas. Suponho que seja o mesmo tipo. Barry, o Pacote. Trabalhava no hotel vampiro de Dallas quando percebi o seu... hmm... dom.

— Que sabes sobre ele?

— É mais novo do que eu e mais fraco. Ou pelo menos, era quando o conheci. Nunca aceitou a sua natureza, como eu fiz. — Encolhi os ombros. Era todo o meu conhecimento.

— A Sookie estará lá — disse Eric a Andre. — É a melhor no que faz.

Era bom ouvi-lo, apesar de recordar que Eric dissera apenas ter conhecido outro telepata. Também era irritante, já que dava a entender a Andre que a minha excelência era mérito seu e não meu.

Apesar de ansiar por conhecer alguma coisa fora da minha cidadezinha, dei comigo a desejar conseguir pensar numa forma de me escapar à viagem até Rhodes. Mas, meses antes, aceitara participar naquela cimeira de vampiros como funcionária paga da rainha. Durante o mês anterior, fizera turnos longos no *Merlotte's*, acumulando horas suficientes para que as outras empregadas do bar não se importassem de cobrir a minha falta durante uma semana. Sam, o meu patrão, ajudava-me a acompanhar as horas acumuladas com uma pequena tabela.

— O Clancy ficará aqui para gerir o bar — disse Eric.

— Esta humana pode ir e eu tenho de ficar? — perguntou o gerente ruivo. A decisão de Eric deixava-o profundamente infeliz. — Perderei a diversão toda.

— Isso mesmo — disse Eric, em tom coloquial. Se Clancy tivesse pensado em fazer qualquer outro comentário negativo, bastou-lhe olhar a cara de Eric para se calar. — A Felicia ficará para te ajudar. Bill, também ficará.

— Não — disse a voz tranquila e fria do canto. — A rainha precisa de mim. Trabalhei arduamente na base de dados e pediu-me para a divulgar na cimeira como forma de compensar as perdas.

Durante um minuto, Eric pareceu uma estátua. A seguir, moveu-se, erguendo um milímetro as sobrancelhas.

— Sim, esqueci os teus talentos informáticos — disse. Era como se tivesse dito «Esqueci que sabias soletrar a palavra 'gato'», pelo interesse e respeito que demonstrava. — Suponho que terás de vir connosco. Maxwell?

— Se for essa a tua vontade, ficarei. — Maxwell Lee queria deixar claro que sabia como ser um bom subalterno. Olhou os vampiros reunidos à sua volta para deixar isso bem claro.

Eric acenou afirmativamente. Supus que Maxwell receberia um brinquedo agradável pelo Natal, enquanto Bill... ups, o Sem-Nome... receberia cinzas e dispositivos de ligação.

— Então ficarás aqui. E tu também Thalia. Mas deves prometer-me que te portarás bem no bar. — O turno obrigatório de Thalia no bar, que consistia apenas em ficar sentada, sendo misteriosa e vampírica durante um par de noites por semana, nem sempre decorria sem incidentes.

Thalia, sempre taciturna e seca, respondeu com um aceno brusco da cabeça.

— Seja como for, não queria ir — murmurou. Os olhos negros redondos mostravam apenas desprezo pelo mundo. Tinha visto demasiado na sua vida muito longa e não se divertia há alguns séculos. Era o que me parecia. Tentava evitá-la tanto quanto possível. Surpreendeu-me que convivesse com os outros vampiros. Parecia-me muito anti-social.

— Não tem qualquer desejo de liderança — sussurrou-me Pam ao ouvido. — Quer apenas ser deixada em paz. Foi expulsa do Illinois por ser demasiado agressiva depois da Grande Revelação. — Grande Revelação era o nome que os vampiros davam à noite em que tinham ido à televisão em todo o mundo para informar que existiam e, além disso, que queriam sair das sombras e integrar o tecido económico e social da sociedade humana. — O Eric permite-lhe que faça o que quiser, desde que siga as regras e apareça a horas para o trabalho no bar — prosseguiu Pam, no seu sussurro quase inaudível. Eric era o soberano do seu pequeno mundo e ninguém o esquecia. — Sabe qual será o castigo se sair da linha. Às vezes, parece esquecer quanto o castigo lhe desagradaria. Devia ler a Abby para ter umas ideias.

Quando não se tinha nenhuma alegria na vida, era necessário... hmmm... fazer alguma coisa pelos outros, arranjar um passatempo ou alguma coisa assim, não? Não era esse o conselho habitual? Imaginei Thalia oferecendo-se para fazer trabalho voluntário nocturno num lar para doentes terminais e estremeci. Imaginá-la a tricotar com duas agulhas longas e pontiagudas horrorizou-me. Para o diabo com a terapia.

— Portanto, os únicos que participarão na cimeira serão o Andre, a nossa rainha, Sookie, eu próprio, o Bill e a Pam — disse Eric. — Cataliades, o advogado, e a sobrinha como mensageira. Ah, claro. E o Gervaise da Quatro e a sua humana, por especial favor, já que tem hospedado a rainha de forma tão generosa. O Rasul como motorista. E o Sigebert, claro. É a nossa comitiva. Sei que alguns de vós estão desapontados e posso apenas esperar que o próximo ano seja mais favorável ao Louisiana. E quanto ao Arkansas, que agora consideramos parte do nosso território?

— Acho que discutimos tudo o que exigia a presença de todos vós — disse Andre. Os restantes assuntos que tinha a tratar com Eric seriam discutidos em privado. Andre não voltou a tocar-me e ainda

bem. Assustava-me até às unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa. Claro que devia sentir o mesmo acerca de todos os que ali estavam. Se tivesse bom senso, mudar-me-ia para o Wyoming, que tinha a população de vampiros mais pequena (eram dois; saíra um artigo sobre eles na revista *American Vampire*). Nalguns dias, sentia-me muito tentada.

Retirei um pequeno bloco de notas da bolsa enquanto Eric referia a data da nossa partida, a data do regresso, a hora a que o avião fretado à *Anubis Airline* chegaria a Baton Rouge para recolher o contingente de Shreveport e uma lista das roupas de que precisaríamos. Com algum desgosto, percebi que teria de voltar a pedir coisas emprestadas às amigas. Mas Eric acrescentou:

— Sookie, não precisarias destas roupas se não fosse pela viagem. Liguei para a loja da tua amiga e tens crédito lá. Usa-o.

Corei. Senti-me o parente pobre até ele prosseguir:

— Os funcionários têm conta corrente num par de lojas aqui de Shreveport, mas isso seria inconveniente para ti. — Os meus ombros descontraíram e esperei que dissesse a verdade. Nenhum bater de pálpebras me sugeriu o contrário.

— Podemos ter sofrido uma tragédia, mas não vamos parecer pobres — disse Eric, com o cuidado de me dirigir apenas uma fracção do seu olhar.

— Não parecer pobre — anotei.

— Todos perceberam? Os nossos objectivos para esta conferência são apoiar a rainha enquanto tenta libertar-se destas acusações ridículas e transmitir a todos os presentes que o Louisiana continua a ser um estado prestigioso. Nenhum dos vampiros do Arkansas que vieram ao Louisiana com o seu rei sobreviveu para contar a história. — Eric sorriu. E não era um sorriso agradável.

Não o soubera antes daquela noite.

Bolas. Que conveniente.



2

— **H**alleigh, já que vais casar com um polícia, talvez possas dizer-me... de que tamanho é o cassetete? — perguntou Elmer Claire Vaudry.

Sentava-me ao lado da futura noiva, Halleigh Robinson, porque me tinha sido atribuída a tarefa fundamental de registar cada presente e respectiva dadora, enquanto Halleigh abria todas as caixas embrulhadas em papel branco e prateado e todos os sacos floridos.

Mais ninguém pareceu surpreender-se minimamente quando a Sra. Vaudry, uma professora primária quarentona, começou a fazer perguntas brejeiras num evento marcadamente de classe média, povoado por senhoras que frequentavam a igreja.

— Não sei dizer, Elmer Claire — respondeu Halleigh, envergonhada, seguindo-se um coro de risinhos incrédulos.

— Então e as algemas? — perguntou Elmer Claire. — Alguma vez usam as algemas?

Vozes de senhoras sulistas ergueram-se na sala de estar de Marcia Albanese, a anfitriã, que aceitara sacrificar a sua casa como palco da despedida de solteira. Caberia às restantes convidadas a responsabilidade menor de trazer a comida e o ponche.

— És uma peça, Elmer Claire — disse Marcia do seu posto junto à mesa. Mas sorria. Elmer Claire desempenhava o seu papel de Provocadora de Serviço e as outras permitiam de bom grado que o aproveitasse.

Elmer Claire nunca teria sido tão vulgar se a velha Caroline Bellefleur estivesse presente. Caroline era a dirigente social de Bon Temps. A senhora Caroline tinha perto de um milhão de anos de idade e costas mais direitas do que qualquer soldado. Apenas um acontecimento extremo a manteria em casa, faltando a um evento social de tamanha importância para a sua família, e algo extremo acontecera. Caroline Bellefleur sofrera um ataque cardíaco para espanto de todos em Bon Temps. Para a sua família, não fora grande surpresa.

O grandioso casamento duplo dos Bellefleur (de Halleigh com Andy e de Portia com o seu contabilista) fora marcado para a Primavera anterior. Fora organizado à pressa por culpa da súbita deterioração da saúde de Caroline Bellefleur. Mas, antes que o casamento apressado pudesse ser realizado, a senhora Caroline sofrera o ataque. A seguir, fracturou a anca.

Com a concordância da irmã de Andy, Portia, e do seu noivo, Andy e Halleigh adiaram o casamento até ao final de Outubro. Mas ouvira dizer que a senhora Caroline não recuperava como os netos tinham esperado e parecia pouco provável que regressasse à sua forma anterior.

Halleigh, com as bochechas coradas, debatia-se com a fita envolvendo uma caixa pesada. Passei-lhe uma tesoura. Havia uma tradição qualquer que proibia cortar as fitas, uma tradição estranhamente ligada à previsão do número de filhos que o casal iria ter, mas estava disposta a apostar que Halleigh aceitaria a solução rápida. Cortou a fita no lado mais próximo dela para que ninguém notasse o seu manifesto desrespeito pela tradição. Lançou-me um olhar grato. Estávamos todas no nosso melhor para a festa, claro, e Halleigh parecia muito bonita e jovem no seu fato azul-claro com rosas estampadas no casaco. Usava um bouquet no pulso, como competia à convidada de honra.

Senti-me como se observasse os hábitos de uma tribo interessante noutro país, uma tribo que, por acaso, falava a minha língua. Sou empregada de bar. Estou vários degraus abaixo de Halleigh na escala social. E sou telepata, apesar de as pessoas tenderem a esquecer-lo, já que é muito difícil de acreditar porque o meu exterior é bastante normal. Mas fora incluída na lista de convidadas e fizera um grande esforço para me vestir à altura. Estava bastante segura de ter conseguido. Usava uma blusa branca e sem mangas de bom corte, calças amarelas e sandálias misturando laranja com amarelo. Tinha o cabelo solto e caindo abaixo das omoplatas. Brincos amarelos e uma pequena corren-

te de ouro ao pescoço compunham o visual. Podíamos estar no fim de Setembro, mas o tempo continuava muito quente. Todas as senhoras continuavam a vestir os seus trajes de Verão, ainda que algumas almas corajosas tivessem passado a envergar cores outonais.

Conhecia todas as convidadas. Bon Temps não é um sítio grande e a minha família vivia na cidade há quase duzentos anos. Conhecer as pessoas não é o mesmo que estar confortável com elas e congratulava-me por ter sido incumbida de registar os presentes. Marcia Albanese era mais perspicaz do que julgara.

E, sem dúvida, aprendia muito. Apesar de me esforçar para não ouvir pensamentos alheios e de a minha tarefa simples me ajudar a fazê-lo, captava influxos mentais generosos.

Halleigh estava no paraíso. Recebia presentes, era o centro das atenções e casava-se com um tipo formidável. Não me parecia que conhecesse o noivo assim tão bem, mas estava certamente disposta a acreditar que Andy Bellefleur teria facetas maravilhosas das quais não sabia nada. Tinha mais imaginação do que era habitual nos homens de classe média de Bon Temps. Sabia-o. E tinha medos e desejos que escondera afincadamente. Também os conhecia.

A mãe de Halleigh viera de Mandeville para participar na despedida de solteira e esforçava-se, com o seu melhor sorriso, para apoiar a filha. Pensei que seria a única a perceber que a mãe de Halleigh odiava ajuntamentos, mesmo que fossem ajuntamentos tão pequenos. Cada momento que passava sentada na sala de Marcia era muito desconfortável para Linette Robinson. Naquele preciso momento, enquanto se ria de outra piada obscena de Elmer Claire, desejava ardentemente estar em casa com um bom livro e um copo de chá gelado.

Pensei em sussurrar-lhe que acabaria tudo dentro de (olhei o relógio) uma hora, uma hora e um quarto, no máximo, mas recordei a tempo que isso a perturbaria ainda mais. Anotei: «Selah Pumphrey — Panos de louça» e preparei-me para o presente seguinte. Selah Pumphrey esperara uma grande reacção minha quando entrou pela porta dentro, já que, durante semanas, Selah saíra com o vampiro que eu renegara. Selah imaginava sempre que saltaria sobre ela e lhe bateria na cabeça. Tinha uma opinião negativa a meu respeito, ainda que não me conhecesse minimamente para isso. Não conseguia perceber que o vampiro em questão passara a estar fora das minhas aspirações. Supunha que teria sido convidada por ser a agente imobiliária de Andy e Halleigh quando compraram a sua pequena casa.

«Tara Thornton — Camisa de dormir rendada», anotei, sorrindo à minha amiga Tara, que escolhera a prenda de Halleigh no seu pronto-a-vestir. Claro que Elmer Claire tinha muito a dizer sobre a camisa de dormir e todas se divertiram muito. Pelo menos, aparentemente. Algumas das mulheres reunidas não se sentiam à vontade com o humor desbragado de Elmer Claire e algumas pensavam que o seu marido precisava de grande paciência, enquanto outras desejavam apenas que se calasse. Este último grupo incluía-me a mim e incluía também Linette Robinson e Halleigh.

A directora da escola onde Halleigh dava aulas oferecera ao casal um conjunto de bases de mesa individuais e a vice-directora dera guardanapos a condizer. Registei-os com um floreado e coloquei parte do papel de embrulho rasgado no saco de lixo a meu lado.

— Obrigada, Sookie — disse Halleigh, em voz baixa, enquanto Elmer Claire contava outra história sobre qualquer coisa que acontecera no seu casamento, envolvendo uma galinha e o padrinho. — Fico muito grata pela tua ajuda.

— Não me custa nada — repliquei, surpreendida.

— O Andy contou-me que te pediu para esconderes o anel de noivado quando mo ofereceu — disse, sorrindo. — E ajudaste-me também noutras ocasiões. — Então Andy contara-lhe tudo a meu respeito.

— Foi um prazer — disse, um pouco envergonhada.

Olhou de soslaio para Selah Pumphrey, que se sentava a duas cadeiras dobráveis de distância. — Continuas a sair com aquele homem lindo que vi em tua casa? — perguntou, elevando bastante mais a voz. — Aquele bonitão com o cabelo preto magnífico?

Halleigh vira Claude quando este me deixara nos meus alojamentos temporários na cidade. Claude, irmão de Claudine, a minha fada-madrinha. Sim, a sério. Claude era lindo e conseguia ser absolutamente encantador (para as mulheres) durante cerca de sessenta segundos. Fizera esse esforço quando encontrámos Halleigh e podia apenas sentir-me grata, já que as orelhas de Selah arrebitaram como as de uma raposa.

— Estive com ele há umas três semanas — disse, sem mentir. — Mas já não saímos. — Nunca tínhamos saído, na verdade, porque a ideia de um bom encontro para Claude era alguém com barba de dois dias e equipamento que nunca possuirei. Mas nem todos precisavam de o saber, não era? — Tenho estado com outra pessoa — acrescentei, cheia de modéstia.

— Ah sim? — O interesse de Halleigh era inocente. Simpatizava mais com a rapariga (quatro anos mais nova do que eu) em cada segundo que passava.

— Sim — disse. — Um consultor de Memphis.

— Tens de o trazer contigo ao casamento — disse Halleigh. — Não seria fantástico, Portia?

O assunto mudava completamente de figura. Portia Bellefleur, a irmã de Andy e a outra noiva no casamento duplo dos Bellefleur, pediu-me para estar presente para servir bebidas com o meu patrão, Sam Merlotte. Agora, via-se em apuros. Nunca me teria convidado se não fosse para trabalhar. (Não tinha sido convidada por ela para nenhuma despedida de solteira.) Sorri-lhe de uma forma inocente que transmitia a mensagem: «estou tão feliz».

— Claro — respondeu Portia, tranquilamente. Para alguma coisa tirara um curso de Direito. — Ficaríamos encantados se trouxesses o teu namorado.

Imaginei Quinn a transformar-se em tigre durante a boda. Sorri a Portia com maior intensidade ainda.

— Vou ver se pode vir — disse-lhe.

— Ouçam todas — começou Elmer Claire —, um passarinho pediu-me para anotar o que a Halleigh disse quando abriu as prendas porque é isso que vai dizer na noite de núpcias! — Acenou com um bloco de notas.

Todas se calaram em feliz antecipação. Ou receio.

— A primeira coisa que a Halleigh disse foi: «Ó, que embrulho bonito!» — Um coro de risos educados. — A seguir disse... vejamos: «Vai servir. Mal posso esperar!» — Risinhos. — Depois disse: «Precisava de um destes!» — Hilaridade.

Depois, chegou a altura do bolo, do ponche, dos amendoins e da bola de queijo. Voltámos a ocupar os nossos lugares, equilibrando com cuidado pratos e copos, quando Maxine, amiga da minha avó, inaugurou um novo tópico de conversa.

— Como está a tua nova amiga, Sookie? — perguntou Maxine Fortenberry. Maxine estava no lado oposto da sala, mas projectar a voz não lhe custava nada. Com cinquenta e muitos anos, Maxine era robusta e calorosa e fora uma segunda mãe para o meu irmão, Jason, que era o melhor amigo de Hoyt, o seu filho. — A rapariga de Nova Orleães?

— A Amelia está bem. — Sorri, nervosa, demasiado consciente de ser o novo centro das atenções.

— É verdade que perdeu a casa nas inundações?
— Sofreu muitos danos, segundo disse o seu inquilino. Espera notícias da companhia de seguros e, depois, decidirá o que fazer.
— Foi uma sorte estar aqui quando o furacão atacou — disse Maxine.

Supus que a pobre Amelia tivesse ouvido o mesmo mil vezes desde Agosto. Estaria bastante cansada de tentar sentir-se afortunada.

— Sim — concordei. — Foi mesmo.

A chegada de Amelia Broadway a Bon Temps motivara muitos boatos. Era natural.

— Vai ficar contigo por enquanto? — perguntou Halleigh, ajudando-me a suportar a conversa.

— Durante uns tempos — respondi, sorrindo.

— É muito simpático da tua parte — disse Marcia Albanese, em jeito de aprovação.

— Sabes que tenho aquele primeiro andar que nunca uso, Marcia. A Amelia até o melhorou. Instalou um ar condicionado na janela e ficou muito mais agradável. Não me incomoda nada.

— Mesmo assim, muita gente não aceitaria albergar alguém durante tanto tempo. Suponho que deveria receber uma das pobres almas hospedadas no *Days Inn*, mas não consigo forçar-me a deixar alguém dormir lá em casa.

— Gosto da companhia — afirmei. Era maioritariamente verdade.

— Voltou a Nova Orleães para verificar o estado da casa?

— Só uma vez. — Amelia precisava de entrar e sair de Nova Orleães muito rapidamente, para que nenhuma das suas amigas bruxas conseguisse localizá-la. Envolvera-se em sarilhos com as bruxas da *Big Easy*.

— Gosta muito daquele gato dela — disse Elmer Claire. — Levou-o ao veterinário no outro dia quando levei também o Powderpuff. — Powderpuff, o persa branco de Elmer Claire, era velho de séculos. — Perguntei-lhe porque não o castrava e cobriu as orelhas do gato como se ele me conseguisse ouvir. Pediu que não falasse nesse assunto à frente do Bob. Como se fosse uma pessoa.

— Gosta mesmo muito do Bob — disse, não sabendo se devia arrepiar-me ou rir-me da possibilidade de o veterinário castrar Bob.

— De onde conheces a Amelia? — perguntou Maxine.

— Lembram-se da minha prima Hadley?

Todas as cabeças na sala se moveram afirmativamente, excepto as da recém-chegada Halleigh e da sua mãe.

— Bom, quando a Hadley viveu em Nova Orleães, alugou o primeiro andar da Amelia — expliquei. — E, quando faleceu — acenos solenes em redor —, fui até lá para recolher as suas coisas e conheci a Amelia. Ficámos amigas e decidiu que visitaria Bon Temps durante algum tempo.

Todas as senhoras me olharam com expressões expectantes, como se mal pudessem esperar para ouvir o que se seguiria. Porque a explicação teria de continuar, não?

Era verdade que a história tinha muitos mais pormenores, mas não me pareceu que estivessem preparadas para ouvir contar que Amelia, depois de uma noite de excelente sexo, transformara acidentalmente Bob num gato durante uma experiência sexual. Nunca pedira a Amelia para descrever as circunstâncias porque estava bastante segura de que preferia não imaginar a cena. Mas esperavam todas uma explicação. Qualquer explicação.

— A Amelia passou por uma separação dolorosa do namorado — disse, mantendo a voz num tom baixo e confidencial.

As caras das outras senhoras mostraram um misto de entusiasmo e compreensão.

— Era um missionário mórmon — contei-lhes. Bob parecera um missionário mórmon, com calças escuras e camisa branca de manga curta e chegara a casa de Amelia numa bicicleta. Na verdade, era um bruxo, tal como Amelia. — Mas bateu-lhe à porta e foi amor à primeira vista. — Fora sexo à primeira vista. Mas, para a história, seria equivalente.

— Os pais dele sabiam?

— A igreja sabia?

— Não podem ter mais do que uma mulher?

As perguntas foram demasiado rápidas para conseguir lidar com elas e esperei que as convidadas voltassem a acalmar. Não estava habituada a inventar histórias e começavam a esgotar-se os factos em que poderia basear o resto do relato.

— Não sei grande coisa sobre a igreja mórmon — respondi à última pergunta e era verdade. — Acho que os mórmones modernos não podem ter mais do que uma mulher. O que lhes aconteceu foi que a família descobriu e ficaram furiosos por acharem que Amelia não era suficientemente boa para ele. Vieram buscá-lo e obrigaram-no a ficar

em casa. Foi por isso que quis sair de Nova Orleães para mudar de ares e conseguir esquecer o passado, percebem?

Todas acenaram afirmativamente, absolutamente fascinadas pelo grande drama de Amelia. Senti uma pontada de culpa. Por um minuto ou dois, todas deram a sua opinião acerca da história triste. Maxine Fortenberry resumiu tudo.

— Pobre rapariga — disse. — Ele devia ter-lhes feito frente.

Passei a Halleigh outro presente para abrir.

— Halleigh, sabes que não te acontecerá o mesmo — disse, desviando a conversa para o assunto apropriado. — O Andy é doido por ti. Qualquer um percebe isso.

Halleigh corou e a mãe disse:

— Todos gostamos muito do Andy. — E a despedida de solteira voltou ao rumo certo. O resto da conversa passou do casamento para as refeições que cada igreja preparava alternadamente para os evacuados. Os católicos tinham a noite seguinte e Maxine pareceu um pouco aliviada quando disse que o número de pessoas a alimentar baixara para vinte e cinco.

Na viagem de volta para casa, a seguir, senti-me um pouco esgotada pela socialização pouco habitual. Também pensava na necessidade de partilhar com Amelia o seu novo passado recém-inventado. Mas, quando vi a carrinha no meu pátio, todos esses pensamentos voaram para longe.

Quinn estava ali. Quinn, o tigre, que ganhava a vida organizando e produzindo eventos especiais para o mundo sobrenatural. Quinn, o meu querido. Estacionei atrás da casa e quase saltei para fora do carro lançando um olhar ansioso ao espelho retrovisor para me assegurar que a maquilhagem continuava em condições.

Quinn saiu pela porta dos fundos enquanto eu subia os degraus a correr e dei um saltinho. Apanhou-me e fez-me rodopiar. Quando me pousou, beijava-me, com as mãos grandes emoldurando-me a face.

— Estás tão bonita — disse, parando para respirar. Um momento depois, acrescentou, ofegante: — E cheiras tão bem. — A seguir, voltou a beijar-me.

Parámos, finalmente.

— Não te vejo há tanto tempo! — disse. — Estou tão feliz por aqui estares! — Não vira Quinn há semanas e, então, passara pouco tempo com ele durante uma passagem por Shreveport a caminho da Florida

com uma carga de adereços para o rito de passagem à idade adulta da filha de um líder de alcateia.

— Tive saudades, querida — disse, com os grandes dentes brancos reluzindo. A cabeça rapada reflectia o sol baixo do fim de tarde. — Tive algum tempo para pôr a conversa em dia com a tua companheira de casa enquanto estavas na despedida de solteira. Como correu?

— Como costumam correr. Muitas prendas e muitos boatos. Foi a segunda despedida de solteira a que fui desta rapariga e dei-lhe um prato de porcelana para uso quotidiano como prenda de casamento. Acho que me saí bem.

— É possível ir a mais do que uma despedida de solteira para a mesma pessoa?

— Numa cidade pequena como esta, sim. E voltou para casa para mais uma despedida de solteira e um jantar festivo em Mandeville durante o Verão. Suponho que o Andy e a Halleigh estejam muito bem orientados.

— Pensei que queriam casar-se em Abril passado.

Expliquei o ataque cardíaco de Caroline Bellefleur.

— Quando recuperava e voltaram a discutir datas, a senhora Caroline caiu e partiu a anca.

— Ai.

— E os médicos acharam que não recuperaria, mas conseguiu sobreviver também a isso. Acho que a Halleigh e o Andy e a Portia e o Glen vão ter os casamentos mais antecipados de Bon Temps algures no próximo mês. E tu estás convidado.

— Estou?

Dirigimo-nos para dentro, porque queria descalçar os sapatos e também porque queria ver o que fazia a minha companheira de casa. Tentava pensar num recado demorado que pudesse pedir-lhe para me fazer, já que via Quinn tão raramente e tratava-se de uma espécie de namorado, se a minha idade (vinte e seis) me permitisse usar o termo.

Ou seja, achava que seria o meu namorado se conseguisse abrandar o suficiente para passar mais tempo comigo.

Mas o trabalho de Quinn, para uma filial da *Eventos Extrem(amente) Elegantes*, forçava-o a cobrir grandes distâncias, literalmente e em sentido figurado. Desde que nos tínhamos despedido em Nova Orleães, depois de sermos salvos dos nossos raptos lobisomens, vira-o três vezes. Passara um fim-de-semana em Shreveport a caminho de outro sítio qualquer e tínhamos ido jantar ao *Ralph and Kacoo's*, um res-

taurante popular. Fora uma boa noite, mas levou-me a casa quando acabou porque precisava de partir às sete horas na manhã seguinte. Na segunda vez, viera ao *Merlotte's* durante o meu turno e, porque era uma noite calma, tirei uma hora para me sentar a conversar com ele e passámos algum tempo de mãos dadas. Na terceira vez, fiz-lhe companhia enquanto carregava a sua caravana num armazém alugado à *U-RENT-SPACE*. Fora a meio do Verão e ambos suáramos muito. Suor em bica, montes de pó, armazéns, o veículo ocasional passando pelo espaço... não era um ambiente romântico.

E mesmo que Amelia descesse obedientemente os degraus com a bolsa ao ombro e obviamente pretendendo ir à cidade para nos dar alguma privacidade, parecia-me pouco promissor que precisássemos de aproveitar os instantes possíveis para consumir uma relação com tão pouco tempo em conjunto.

Amelia disse:

— Até logo!

Esboçava um grande sorriso e, porque tinha os dentes mais brancos do mundo, parecia-se com o Gato de Cheshire. O seu cabelo curto espetava-se em vários pontos (dizia que ninguém em Bon Temps conseguia cortá-lo bem) e a face bronzeada estava limpa de maquilhagem. Parecia uma jovem mãe dos subúrbios, do tipo que teria uma cadeirinha de bebé no banco traseiro da sua carrinha. O tipo de mãe que reserva tempo para correr, nadar e jogar ténis. Era verdade que Amelia corria três vezes por semana e praticava tai chi no meu pátio traseiro, mas odiava enfiar-se dentro de água e achava que o ténis era para (passo a citar) «pessoas com deficiência mental». Sempre admirara os jogadores de ténis, mas Amelia defendia os seus pontos de vista.

— Vou a Monroe ao centro comercial — disse. — Tenho compras a fazer! — E com um aceno de boa companheira de casa, saltou para o *Mustang* e desapareceu...

... deixando-me a mim e a Quinn olhando um para o outro.

— Aquela Amelia! — disse, sem nada melhor para dizer.

— É... única — tornou Quinn, com igual desconforto.

— O que se passa é... — comecei, enquanto Quinn dizia:

— Ouve, acho que...

Ambos nos calámos de repente. Fez um gesto indicando que devia ser eu a falar primeiro.

— Quanto tempo vais passar aqui? — perguntei.

— Tenho de partir amanhã — disse. — Posso ficar em Monroe ou Shreveport.

Olhámo-nos. Não consigo ler a mente dos metamorfos como leio a mente dos humanos. Mas consigo captar intenções e a intenção era... intencional.

— Então — disse. Pousou um joelho no chão. — Por favor — continuou.

Não consegui evitar o sorriso, mas afastei o olhar.

— O problema é... — voltei a tentar. Aquela conversa seria muito mais fácil para Amelia, que era dolorosamente sincera. — Sabes que temos... hmm... muita... — Gesticulei para trás e para diante com a mão.

— Química — completou ele.

— Isso — concordei. — Mas, se nunca nos virmos mais do que nos últimos três meses, não sei ao certo se quero dar o próximo passo. — Odiava dizê-lo, mas era necessário. Dispensava a dor. — Sinto grande luxúria — disse. — Enorme luxúria. Mas não sou uma mulher de sexo casual.

— Quando a cimeira acabar, vou tirar férias — disse Quinn. Consegui perceber que era absolutamente sincero. — Um mês. Vim cá para perguntar se posso passar esse tempo aqui contigo.

— A sério? — Não consegui evitar soar incrédula. — A sério?

Sorriu-me. Quinn tinha uma cabeça completamente calva e macia, pele morena, um nariz ousado e um sorriso que criava aquelas pequenas covinhas aos cantos da boca. Os olhos eram arroxeados, como um amor-perfeito na Primavera. Era grande como um profissional de luta-livre e igualmente assustador. Ergueu uma enorme mão, como se fizesse um juramento.

— Juro sobre uma pilha de Bíblias — disse.

— Sim — disse eu, após passar em revista as minhas preocupações para garantir que eram menores. Além disso, posso não ter um detector de mentiras incorporado, mas conseguiria perceber se pensasse: «Estou a dizer isto para lhe saltar para a espinha.» Os metamorfos são muito difíceis de ler. Os seus padrões cerebrais são retorcidos e opacos, mas tê-lo-ia captado. — Nesse caso... sim.

— Boa. — Quinn inspirou fundo e o seu sorriso iluminou a sala. Mas, no momento seguinte, os olhos adquiriram aquela intensidade típica dos homens quando começam a pensar de forma muito específica em sexo. A seguir, num ápice, Quinn endireitou-se e os seus braços rodearam-me com força, como se fossem ramos de trepadeira unindo-nos.

A sua boca encontrou a minha. Retomámos o beijo no ponto em que o havíamos interrompido. A boca dele era muito perspicaz e a língua muito quente. As mãos começaram a examinar a minha topografia. Pelas costas abaixo até à curva das ancas, de volta aos ombros para me rodearem a cara por um momento, descendo para um toque com as pontas dos dedos no pescoço. A seguir, as pontas dos dedos encontraram os meus seios e, após um segundo, puxou-me o top para fora das calças e começou a explorar território que apenas visitara brevemente antes. Gostou do que encontrou, se «hmmmm» pudesse ser uma afirmação de agrado. A mim, dizia-me muito.

— Quero ver-te — disse. — Quero ver-te toda.

Nunca antes fizera amor durante o dia. Parecia-me muito perverso (e excitante) tentar abrir os botões antes que o sol se pusesse e senti-me muito grata por ter escolhido um sutiã de renda branca particularmente bonito e cuecas minúsculas. Quando me visto a preceito, gosto de levar o esforço até aos pormenores junto à pele.

— Ó — disse ele, quando viu o meu sutiã, que contrastava de forma agradável com o bronzeado intenso do Verão. — Que maravilha. — Não eram as palavras. Era a expressão de profunda admiração. Já tinha descalçado os sapatos. Felizmente, dispensara naquela manhã as meias práticas mas nada sensuais pelo joelho e optara por pernas nuas. Quinn passou algum tempo atento ao meu pescoço e foi-me beijando até ao *soutien* enquanto eu me debatia com o seu cinto, ainda que, porque se curvava enquanto tentava abrir a fivela dura, não funcionasse muito bem.

— Despe a camisa — disse. A minha voz saiu tão rouca como a sua. — Eu não tenho e tu também não devias ter.

— Muito bem — respondeu. E, de imediato, a camisa tinha desaparecido. Esperar que Quinn fosse peludo seria um erro. Mas era muito musculoso e, naquele momento, a sua pele morena estava bronzeada. Os mamilos eram surpreendentemente escuros e (não tão surpreendentemente) duros. Ai. Mesmo ao nível dos meus olhos. Começou a lidar com o maldito cinto enquanto eu começava a explorar um mamilo duro com a boca e cobrindo o outro com os dedos. Todo o corpo de Quinn estremeceu e parou o que fazia. Passou os dedos para o meu cabelo para pressionar a minha cabeça contra ele e suspirou, apesar de parecer mais um rosnado, vibrando-lhe através do corpo. A minha mão livre puxou-lhe as calças e voltou a baixar as mãos até ao cinto, mas de uma forma distraída.

— Vamos para o quarto — disse, mas não me saiu como uma sugestão tranquila e composta. Era mais uma exigência ansiosa.

Ergueu-me nos braços e segurei-me ao seu pescoço, beijando-o novamente na sua boca belíssima.

— Não é justo — murmurou. — Tenho as mãos ocupadas.

— Cama — disse. Depositou-me na cama e, a seguir, limitou-se a cair sobre mim.

— Roupa — recordei-lhe, mas tinha a boca cheia de renda branca e seio e não respondeu. — Ó — exclamei. Posso tê-lo repetido mais algumas vezes, acrescentando também umas repetições de «sim». Um pensamento súbito arrancou-me ao fluxo do momento.

— Quinn, tens... hmm... — Nunca antes precisara de tais apetrechos, porque os vampiros não podem engravidar alguém ou transmitir doenças.

— Porque achas que ainda tenho as calças vestidas? — perguntou, puxando um pequeno invólucro do bolso traseiro. O seu sorriso daquela vez era mais feroz.

— Ótimo — disse, sinceramente. Ter-me-ia lançado de uma janela se precisássemos de parar. — E já podes despir as calças.

Vira Quinn nu antes, mas em circunstâncias decididamente urgentes (no meio de um pântano, à chuva, enquanto éramos perseguidos por lobisomens). Quinn ergueu-se junto à cama e descalçou os sapatos e as meias antes de despir as calças, movendo-se lentamente para me permitir observar. Livrou-se das calças, expondo uns boxers que também eram afectados por um tipo muito específico de pressão. Com um movimento rápido, despiu-os. Tinha um rabo duro e bem formado e o contorno da anca à coxa fazia crescer água na boca. Tinha cicatrizes finas e brancas marcando-o ao acaso, mas pareciam uma parte natural do conjunto e eram harmoniosas sobre o corpo poderoso. Ajoelhava-me sobre a cama enquanto o admirava e ouvi-o dizer:

— Agora tu.

Abri o sutiã e fi-lo deslizar pelos braços abaixo. Ele disse:

— Deus. Sou o homem mais afortunado do mundo. — Após uma pausa, acrescentou: — O resto.

Ergui-me junto à cama e despi as pequenas cuecas rendadas.

— É como estar diante de um bufete — disse. — Não sei por onde começar.

Toquei os seios.

— Primeiro prato — sugeri.

Descobri que a língua de Quinn era um pouco mais áspera do que a língua de um homem comum. Gemia e produzia ruídos incoerentes quando passou do seio direito para o esquerdo enquanto tentava decidir qual lhe agradava mais. Não conseguiu decidir imediatamente, o que, para mim, estava ótimo. Quando se concentrou no seio direito, pressionava-me contra ele, com ruídos que apenas podiam ser descritos como desesperados.

— Acho que vou dispensar o segundo prato e passar directamente à sobremesa — sussurrou, com voz rouca. — Estás pronta, querida? A tua respiração diz-me que sim. O meu toque também.

— Estou completamente pronta — respondi, baixando o braço entre nós para o rodear com os dedos. Senti-o estremecer quando o toquei. Desenrolou o preservativo.

— Agora — rosnou. — Agora! — Guiei-o até à minha entrada e movi as ancas para o receber. — Sonhei com isto — disse, penetrando-me até ao fundo. Foi a última coisa que algum de nós conseguiu dizer.

O apetite de Quinn era tão formidável como o seu equipamento. Gostou tanto da sobremesa que repetiu.



3

E stávamos na cozinha quando Amelia regressou. Alimentara Bob, o seu gato, para recompensar o tacto revelado pela dona. O tacto não era algo natural em Amelia.

Bob ignorou a comida e preferiu observar Quinn a fritar bacon enquanto eu cortava tomates. Tirei o queijo, a maionese, a mostarda e os pickles, coisas que podia imaginar que um homem quisesse numa sandes de bacon. Vestira uns calções velhos e uma camisola de manga curta e Quinn trouxera o seu saco da carrinha e vestira as roupas de trabalho: uma camisola de alças e calções gastos de algodão.

Amelia olhou Quinn de alto a baixo quando este se voltou novamente para o fogão e, a seguir, olhou-me com um amplo sorriso.

— Tiveram uma reunião produtiva? — perguntou, colocando os sacos de compras sobre a mesa da cozinha.

— Para o teu quarto, por favor. — Porque, de outra forma, Amelia queria que admirássemos cada uma das coisas que comprara. Amuando, Amelia pegou nos sacos e levou-os para cima, regressando no minuto seguinte para perguntar a Quinn se havia bacon que chegasse para ela.

— Claro — respondeu Quinn, prestável, tirando algumas tiras e colocando outras na frigideira.

Agradava-me um homem que soubesse cozinhar. Enquanto punha pratos e talheres sobre a mesa, sentia com agrado como estava

no — continuou, com voz doce. — O meu queridinho fofinho. Não é? Não é? — Quinn pareceu vagamente enojado, mas eu era igualmente culpada de falar com Bob como se fosse um bebé quando estava sozinha com ele. O bruxo Bob fora um tipo magricela e estranho com uma espécie de encanto idiota. Amelia contara-me que era cabeleireiro. Decidi que, se fosse verdade, seria cabeleireiro numa agência funerária. Calças pretas, camisa branca e bicicleta? Alguma vez viram um cabeleireiro que se vestisse assim?

— Então — disse Quinn — e o que fazes para resolver a situação?

— Estou a estudar — respondeu Amelia. — Tento perceber o que fiz mal, para poder corrigir. Seria mais fácil se pudesse... — Calou-se, parecendo culpada.

— Se pudesses falar com a tua mentora? — perguntei, tentando ajudá-la.

Franziu-me a testa.

— Sim — disse. — Se pudesse falar com a minha mentora.

— Porque não o fazes? — perguntou Quinn.

— Em primeiro lugar, porque não devia ter usado magia transformadora. É uma proibição séria. Em segundo lugar, tenho-a procurado online desde o Katrina, em todos os fóruns de discussão que as bruxas frequentam e não consigo ter notícias dela. Pode ter-se abrigado algures, pode estar com os filhos ou alguma amiga ou pode ter morrido na inundação.

— Pelo que sei, a tua principal fonte de rendimento era a casa que alugavas. Que planos tens agora? Em que estado ficou o edifício? — perguntou Quinn, levando o seu prato e o meu para o lava-louça. Não se mostrava tímido com as perguntas pessoais naquela noite. Aguardei com interesse as respostas de Amelia. Sempre quisera saber muitas coisas sobre Amelia que seria rude perguntar. Como, por exemplo: De que vivia naquele momento? Apesar de ter trabalhado em part-time para a minha amiga Tara Thornton, na *Tara's Togs*, enquanto Tara esteve doente, as despesas de Amelia excediam em muito o seu rendimento visível. Isso significava que tinha bom crédito, algumas poupanças ou outra fonte de rendimento além das leituras de tarô que fizera numa loja perto da Jackson Square e do dinheiro da renda, que deixara de chegar. A mãe deixara-lhe algum dinheiro. Teria sido uma quantia considerável.

— Regressei a Nova Orleães uma vez desde o furacão — disse Amelia. — Conheceste o Everett, o meu inquilino?

Quinn acenou afirmativamente.

— Quando conseguiu encontrar um telefone, falou-me de alguns danos no piso térreo, onde vivo. Caíram árvores e ramos e, claro, não houve electricidade nem água corrente durante um par de semanas. Mas o bairro não foi tão afectado como alguns, graças a Deus. E, quando a electricidade foi reposta, consegui ir até lá. — Amelia inspirou fundo. Consequia ouvir no seu cérebro que a assustava aventurar-se no território que estava prestes a partilhar connosco. — Eu... hmm... fui falar com o meu pai sobre a reparação do telhado. Tínhamos um telhado azul como metade das pessoas à nossa volta. — O plástico azul que cobria os telhados danificados era a nova norma em Nova Orleães.

Era a primeira vez que Amelia me mencionava a sua família, além de uma forma muito superficial. Aprendera mais com os seus pensamentos do que em conversa e tinha de ter cuidado para não misturar as duas fontes de informação quando falávamos. Consequia ver a presença do pai na cabeça, com amor e ressentimento misturando-se nos seus pensamentos para formar uma amálgama confusa.

— O teu pai vai reparar-te a casa? — perguntou Quinn, em tom casual. Vasculhava a caixa *Tupperware* onde guardava quaisquer biscoitos que se atravessassem no meu caminho... o que não era um acontecimento frequente, já que tinha tendência para ganhar peso sempre que havia doces por casa. Amelia não tinha igual problema e enchera a caixa com dois tipos de biscoitos *Keebler*, dizendo a Quinn que se servisse.

Amelia acenou afirmativamente, muito mais fascinada pela pelagem de Bob do que no momento anterior.

— Sim, tem uma equipa a trabalhar nisso — disse.

Aquilo era novidade para mim.

— Então quem é o teu pai? — Quinn mantinha-se directo. Até ali, tinha funcionado.

Amelia moveu-se desconfortavelmente na cadeira, fazendo Bob erguer a cabeça em protesto.

— O Copley Carmichael — murmurou.

Ambos ficámos em silêncio e chocados. Após um minuto, olhou-nos.

— O que foi? — disse. — Está bem, é famoso. Está bem, é rico. E daí?

— Apelido diferente? — perguntei.

— Uso o da minha mãe. Cansa-me que as pessoas se comportem de forma estranha comigo — afirmou Amelia, com convicção.

Quinn e eu trocámos olhares. Copley Carmichael era um nome grande no estado do Louisiana. Estava metido em todo o tipo de negócios e sempre com envolvimento obscuro. Mas era um negociante humano tradicional. Não havia indícios de sobrenatural em Copley Carmichael.

— Sabe que és uma bruxa? — perguntei.

— Não acredita — respondeu Amelia, parecendo frustrada e abatida. — Acha que sou uma iludida, que me dou com gente estranha e faço trabalhos insignificantes e esquisitos só para o incomodar. Não acreditaria em vampiros se não os tivesse visto uma e outra vez.

— E a tuas mãe? — perguntou Quinn. Voltei a encher a chávena de chá. Conhecia a resposta àquela pergunta.

— Morta — respondeu Amelia. — Há três anos. Foi quando saí da casa do meu pai e passei a viver no piso térreo da casa na Chloe Street. Ofereceu-me quando acabei o liceu para ter rendimento próprio, mas fez-me gerir os alugueres para ganhar experiência.

Pareceu-me um negócio bastante agradável. Disse, hesitando:

— Não foi a melhor coisa a fazer? Conseguir que aprendesses pela prática?

— Bom, sim... — admitiu. — Mas, quando me mudei, quis dar-me uma mesada... com a minha idade! Sabia que tinha de me safar sozinha. Entre a renda, o dinheiro que ganhava a ler a sina e os trabalhos de magia que obtinha, conseguia ganhar a vida. — Ergueu a cabeça com orgulho.

Amelia parecia não perceber que a renda provinha de uma prenda do pai e não de alguma coisa que tivesse conquistado com o seu suor. Sentia-se muito agradada com a sua auto-suficiência. A minha nova amiga, conseguida quase por acidente, era um amontoado de contradições. Por ser uma emissora muito clara, captava-lhe os pensamentos com clareza. Quando estava sozinha com ela, tinha de me proteger com afinco. Descontraíra com Quinn por perto, mas não o deveria ter feito. Captava uma grande barafunda da cabeça de Amelia.

— O teu pai conseguiria ajudar-te a encontrar a tua mentora? — perguntou Quinn.

Amelia pareceu ausente por um instante, como se pensasse no assunto.

— Não vejo como — respondeu, lentamente. — É um tipo poderoso. Sabem disso. Mas tem tido tantos problemas em Nova Orleães desde o Katrina como qualquer outra pessoa.

Excepto que tinha muito mais dinheiro e podia ir para outro sítio, regressando quando lhe apetecesse, o que a maioria dos habitantes da cidade não podia fazer. Fechei a boca para guardar o comentário para mim. Estava na altura de mudar de assunto.

— Amelia — disse —, conheces bem o Bob? Quem é que o procura?

Pareceu um pouco assustada. Não era normal nela.

— Também tenho pensado — disse. — Só conhecia o Bob de algumas conversas antes daquela noite. Mas sei que tinha... tem... grandes amigos na comunidade mágica. Não me parece que algum deles saiba que estivemos juntos. Nessa noite, na noite antes do baile da rainha, quando os vampiros do Arkansas e os nossos chegaram a vias de facto, o Bob foi a minha casa depois de nos despedirmos da Terry e da Patsy na pizaria. Ligou para o trabalho a dizer que estava doente, por termos celebrado tanto. Depois, passou o dia comigo.

— É possível que a família o procure há meses? Sem saber se estará morto ou vivo?

— Ei, calma. Não sou assim tão horrível. O Bob foi criado pela tia, mas não se dão bem. Há anos que não tem grande contacto com ela. De certeza que terá amigos preocupados e sinto muito. Mas, mesmo que soubessem o que aconteceu, não podiam ajudá-lo, não é? E, desde o Katrina, toda a gente em Nova Orleães passou a ter muita coisa com que se preocupar.

Naquele momento interessante da conversa, o telefone tocou. Eu estava mais próxima e atendi. A voz do meu irmão estava quase eléctrica com a emoção.

— Sookie, precisas de vir a Hotshot na próxima hora.

— Porquê?

— Eu e a Crystal vamos casar-nos. Surpresa!

Não sendo um choque completo (Jason «namorava» com Crystal Norris há vários meses), a cerimónia repentina deixou-me ansiosa.

— A Crystal engravidou outra vez? — perguntei, desconfiada. Perdera um bebé de Jason pouco tempo antes.

— Sim! — disse Jason, como se fossem as melhores notícias que me pudesse dar. — E, desta vez, vamos estar casados quando o bebé nascer.

Jason ignorava a realidade, como fazia com frequência. A realidade era que Crystal tivera pelo menos uma gravidez antes de engravidar com ele e também perdera essa criança. A comunidade de Hotshot sofria com a sua consanguinidade.

— Muito bem. Estarei lá — disse. — A Amelia e o Quinn também podem vir?

— Claro — respondeu Jason. — A Crystal e eu teremos muito gosto.

— Posso levar alguma coisa?

— Não. O Calvin e o resto deles estão preparados para cozinhar. Vai ser tudo na rua. Temos luzes penduradas. Acho que vão fazer uma grande panela de *jambalaya*, arroz e salada. Eu e os meus amigos tratamos das bebidas. Vem bonita! Vejo-te em Hotshot dentro de uma hora. Não te atrases.

Desliguei e sentei-me em silêncio durante um minuto. Ainda com a mão no telefone sem fios. Era típico de Jason. Aparece dentro de uma hora para uma cerimónia planeada em cima do joelho pelo pior motivo possível. E não te atrases! Pelo menos, não me tinha pedido para levar um bolo.

— Sookie, está tudo bem? — perguntou Quinn.

— O meu irmão Jason casa-se esta noite — disse, tentando manter a voz estável. — Fomos convidados para o casamento e precisamos de estar lá dentro de uma hora. — Sempre achei que Jason não casaria com uma mulher com quem eu simpatizasse muito. Revelara sempre um gosto por cabras. E Crystal enquadrava-se perfeitamente na descrição. Também se transformava numa pantera, integrando uma comunidade que guardava os seus segredos com grande esmero. Aliás, o meu irmão passara também a transformar-se numa pantera porque fora mordido repetidas vezes por um rival ciumento das atenções de Crystal.

O meu irmão era mais velho do que eu e Deus sabia que tinha tido o seu quinhão de mulheres. Teria de presumir que conseguisse perceber qual era a indicada.

Arranquei-me aos meus pensamentos para descobrir que Amelia parecia espantada e entusiasmada. Adorava sair para uma festa e as hipóteses de isso acontecer em Bon Temps eram limitadas. Quinn, que conhecera Jason durante uma visita, olhou-me com uma sobrancelha céptica arqueada.

— Sim, eu sei — disse-lhe. — É estúpido e insensato. Mas a Crystal está grávida outra vez e é escusado tentar impedi-lo. Querem vir comigo? Não precisam. Tenho de me ir preparar.

Amelia disse:

— Boa! Posso usar a minha roupa nova — correu para o andar de cima para estrear as compras.

Quinn disse:
— Querida, queres que vá?
— Sim, por favor — respondi. Aproximou-se e rodeou-me com os braços pesados. Senti-me confortada, mesmo sabendo que Quinn pensava que Jason era um tolo.
E eu concordava com ele.

A noite ainda estava quente, mas não era um calor tórrido, não com o fim de Setembro tão próximo. Escolhera um vestido sem mangas branco e com flores vermelhas estampadas. Usara-o num encontro com Bill (em quem nem sequer pensaria). Por pura vaidade, calçara sandálias vermelhas de salto alto, apesar de não serem calçado adequado para um casamento numa estrada cheia de buracos. Apliquei maquilhagem enquanto Quinn tomava banho e não me desagradou o que vi no espelho. Não há nada como sexo excelente para nos fazer brilhar. Saí do quarto e olhei o relógio. Precisávamos de partir em breve.

Amelia optara por um vestido de manga curta bege com um minúsculo padrão azul-escuro. Adorava comprar roupa e considerava-se uma mulher elegante, mas o seu gosto era típico de uma jovem mãe suburbana. Calçava pequenas sandálias azul-escuras com flores nas correias. Eram muito mais adequadas do que os meus saltos.

Quando começava a preocupar-me, Quinn saiu do meu quarto com uma camisa formal de seda castanha e calças de cor creme.

— Que tal uma gravata? — perguntou. — Tenho algumas no saco.

Pensei no cenário rural e na falta de sofisticação da pequena comunidade de Hotshot.

— Acho que não será necessária — respondi. Quinn pareceu aliviado.

Enfiámo-nos no meu carro e dirigimo-nos para oeste e, depois, para sul. Durante a viagem, pude falar aos meus convidados forasteiros do bando isolado de panteras e do seu pequeno amontoado de casas na zona rural do Condado de Renard. Era eu a conduzir porque seria a solução mais simples. Quando perdemos de vista a velha linha férrea, a paisagem tornou-se cada vez mais despovoada até que, durante três ou quatro quilómetros, não vimos quaisquer luzes. A seguir, vimos carros e luzes num cruzamento à nossa frente. Tínhamos chegado.

Hotshot ficava no meio do nada, ocupando uma faixa longa de terreno plano entre elevações ligeiras que não eram suficientemente definidas para que alguém lhes chamasse colinas. Tendo-se formado em redor de uma velha encruzilhada, a comunidade isolada possuía uma poderosa vibração mágica. Percebi que Amelia sentia esse poder. A sua expressão tornou-se mais alerta e concentrada enquanto nos aproximávamos. Até Quinn inspirou profundamente. Quanto a mim, conseguia detectar a presença da magia, mas não me afectava, por não ser sobrenatural.

Estacionei na berma da estrada atrás da carrinha de Hoyt Fortenberry. Hoyt era o melhor amigo de Jason e acompanhara-o a vida toda como uma sombra. Avistei-o à nossa frente, percorrendo a estrada até uma área bem iluminada. Passei lanternas a Amelia e Quinn e apontei uma para baixo.

— Hoyt — chamei. Apressei o passo para conseguir alcançá-lo, tanto quanto seria prático com os meus saltos vermelhos. — Ei, estás bem? — perguntei, quando lhe vi a cara abatida. Hoyt não era um tipo muito atraente ou inteligente, mas era estável e conseguia ver além de cada momento, percebendo as suas consequências, algo que o meu irmão nunca conseguira fazer.

— Sook — disse Hoyt —, não acredito que se vai casar. Acho que acreditei que seríamos solteiros para sempre. — Tentou sorrir.

Coloquei-lhe uma mão sobre o ombro. A vida seria mais simples se tivesse conseguido apaixonar-me por Hoyt, aproximando-o assim do meu irmão para sempre. Mas Hoyt e eu nunca tínhamos sentido o mínimo interesse um pelo outro.

A mente de Hoyt irradiava uma tristeza persistente. Estava certo de que a sua vida mudaria permanentemente naquela noite. Esperava que Jason mudasse por completo os seus hábitos, ficando em casa com a esposa, como caberia a um marido, e esquecendo os amigos.

Esperava que as suas expectativas estivessem certas.

Nos limites exteriores da multidão, Hoyt encontrou-se com Peixe-Gato Hennessy e começaram a trocar piadas sonoras sobre a tragédia do casamento de Jason.

Esperei que o companheirismo masculino ajudasse Hoyt a sobreviver à cerimónia. Não sabia se Crystal amava verdadeiramente o meu irmão, mas Hoyt sim.

Quinn pegou-me na mão e, seguidos por Amelia, abrimos caminho através da pequena multidão até alcançarmos o centro.

Jason vestia um fato novo e o azul do tecido era apenas um pouco mais escuro do que o azul dos seus olhos. Estava com óptimo aspecto e sorria com todas as suas forças. Crystal trazia um vestido estampado com pintas de leopardo e com um decote tão fundo como seria possível sem impedir a designação de «vestido». Não sabia se o tecido era uma afirmação irónica da sua parte ou uma simples expressão do seu sentido de estilo. Desconfiei da segunda possibilidade.

O casal feliz erguia-se no centro de um espaço vazio, acompanhado por Calvin Norris, líder da comunidade de Hotshot. A multidão mantinha uma distância respeitosa, formando um círculo irregular.

Calvin, que era o tio de Crystal, estava de braço dado com ela. Sorriu-me. Aparara a barba e procurara um fato para a ocasião. Mas ele e Jason eram os únicos homens com gravata. Quinn notou-o e consegui captar-lhe pensamentos aliviados.

Jason avistou-me depois de Calvin e gesticulou-me que avançasse. Caminhei para diante, apercebendo-me subitamente de que desempenharia um papel na cerimónia. Abracei o meu irmão, cheirando-lhe a água-de-colónia... mas não captando qualquer cheiro a álcool. Descontraí um pouco. Desconfiara que Jason se tivesse fortalecido com um copo ou dois, mas estava perfeitamente sóbrio.

Afastei-me de Jason e olhei para trás para ver o que acontecera aos meus acompanhantes e captei o momento em que as panteras perceberam a presença de Quinn. Houve um súbito burburinho entre os convivas de dupla natureza e ouvi o seu nome ser repetido em redor como uma brisa.

Calvin segredou:

— Trouxeste o Quinn? — Era como se tivesse chegado com o Pai Natal ou outra entidade mítica.

— Fiz mal? — perguntei, não sabendo que criaria tamanha agitação.

— Claro que não — respondeu. — É o teu novo homem? — Vi na expressão de Calvin tal mistura de reavaliação espantada e especulação

que comecei imediatamente a pensar no que desconhecia acerca do meu novo amante.

— Hmm... sim, mais ou menos — respondi, com cautela súbita.

— É uma honra tê-lo entre nós — assegurou-me Calvin.

— O Quinn — murmurou Crystal. As suas pupilas dilatavam-se e senti que o meu cérebro se focava no meu acompanhante com uma espécie de entusiasmo adolescente. Quis pontapeá-la. «Estás aqui para casar com o meu irmão, lembraste?»

Jason pareceu tão intrigado como eu. Porque se tornara uma pantera poucos meses antes, havia muita coisa no mundo escondido das criaturas de dupla natureza que ainda desconhecia.

Tal como eu.

Crystal fez um esforço para se acalmar e voltar à compostura exigida pelo momento. Naturalmente, agradava-lhe ser o centro das atenções, mas dedicou um momento à reavaliação da sua futura cunhada. O respeito que sentia por mim (até então, praticamente inexistente) quebrara todos os recordes.

— Qual é o procedimento? — perguntei, sem rodeios, tentando fazer avançar a conversa.

Calvin voltou ao seu habitual espírito prático.

— Porque temos convidados humanos, adaptámos a cerimónia — explicou, com voz muito baixa. — Será assim... tu és a garantia do Jason, como parente mais próxima e porque não tem ninguém mais velho que o possa fazer. Eu sou o parente mais velho da Crystal e serei a sua garantia. Dispomo-nos a sofrer o castigo se algum deles violar as regras.

Ai. Não me agradava aquilo. Lancei um olhar rápido ao meu irmão, que (naturalmente) parecia não ter pensado duas vezes no compromisso que eu assumiria. Não deveria ter esperado outra coisa.

— A seguir, o pastor avança e a cerimónia decorre como em qualquer outro casamento — disse Calvin. — Se não houvesse forasteiros entre nós, seria diferente.

Senti-me curiosa, mas não era o momento certo para fazer muitas perguntas. No entanto, havia algumas que teriam de ser respondidas.

— Que castigo me comprometo a sofrer? O que será considerado «violação das regras»?

Jason suspirou, exasperado por ver que eu tentava perceber o que me comprometia a fazer. Os olhos amarelos tranquilos de Calvin fixaram-se nos meus e havia neles grande compreensão.

— Consiste nisto o compromisso — disse Calvin, com voz tranquila mas intensa. Rodeámo-lo. — Jason, ouve bem. Já falámos no assunto, mas acho que não me ouviste com atenção. — Jason ouvia agora, mas conseguia sentir a sua impaciência.

— O casamento aqui — e Calvin indicou com a mão a pequena comunidade de Hotshot — significa ser fiel ao companheiro, a não ser que o companheiro precise de procriar para assegurar a sobrevivência do grupo. Porque Crystal está praticamente fora dessa equação, Jason, isso significa que terá de te ser fiel e tu a ela. Não tens obrigações reprodutivas como os de sangue puro. — Jason corou perante aquela recordação de que o seu estatuto era inferior por apenas ser metamorfo por ter sido mordido por um e não por ter nascido assim. — Se a Crystal te trair e um membro da comunidade o confirmar e se, por algum motivo, não puder sofrer o castigo... por estar grávida, doente ou por ter uma cria a seu cargo, terei de a substituir. Não falamos de dinheiro. Compreendes?

Jason acenou afirmativamente.

— Falas de um castigo físico — disse.

— Sim — confirmou Calvin. — Não apenas prometes ser fiel, também juras guardar o nosso segredo.

Jason repetiu o aceno.

— E ajudar os outros membros da comunidade se precisarem de ajuda.

Jason franziu o sobrolho.

— Por exemplo? — perguntei.

— Se o telhado da Maryelizabeth precisar de ser substituído, poderemos juntar dinheiro para comprar o material e arranjaremos tempo para fazer o trabalho. Se um miúdo precisar de sítio para ficar, a vossa casa estará aberta para o receber. Cuidamos uns dos outros.

Jason voltou a acenar.

— Compreendo — disse. — E aceito. — Teria de abdicar de algum do seu tempo com os amigos e senti pena de Hoyt. Confesso que também senti alguma pena própria. Não ganhava uma irmã. Perdia um irmão. Pelo menos, até certo ponto.

— Certifica-te de que é mesmo isto que queres ou desiste agora — disse-lhe, mantendo a voz muito baixa. — Estás a comprometer também a minha vida. Vais conseguir cumprir as promessas que fazes a esta mulher e à sua comunidade ou não?

Jason olhou Crystal durante um longo momento e eu não tinha o

direito de entrar na sua cabeça. Por isso, saí e, ao invés, olhei em redor, captando pensamentos aleatórios da multidão. Eram maioritariamente o que esperaria: alguma excitação por estar num casamento, algum prazer por ver o solteiro mais célebre do condado acorrentado a uma jovem de temperamento selvagem, alguma curiosidade pelo estranho ritual de Hotshot. Hotshot tornara-se uma expressão idiomática no condado. «Tão estranho como um tipo de Hotshot» era um ditado usado há anos e os miúdos de Hotshot que frequentavam a escola de Bon Temps sofriam com ele até às primeiras lutas de recreio.

— Vou cumprir as minhas promessas — disse Jason, com voz rouca.

— E eu as minhas — disse Crystal.

A diferença entre os dois era esta: Jason era sincero, apesar de duvidar da sua capacidade para cumprir o que prometia. Crystal conseguiria fazê-lo, mas não era sincera.

— Não estás a ser sincera — disse-lhe.

— Uma ova — retorquiu.

— Não costumo dizê-lo sem ter a certeza — continuei, esforçando-me por manter a voz baixa. — Mas isto é demasiado sério para ficar calada. Consigo ver o que tens dentro da cabeça, Crystal. Nunca o esqueças.

— Não esqueço nada — disse, enfatizando cada palavra. — E vou casar com o Jason esta noite.

Olhei Calvin. Sentia-se incomodado, mas acabou por encolher os ombros.

— Não podemos impedi-lo — disse. Por um segundo, senti-me tentada a questionar a sua afirmação. «Porque não?», pensei. «Se decidisse pregar-lhe uma chapada, talvez isso causasse suficiente alarido para empatar tudo isto.» A seguir, pensei melhor. Eram os dois adultos, pelo menos em teoria. Casar-se-iam, se assim o desejassem, naquele momento e lugar ou em qualquer outra parte, noutra noite. Baixei a cabeça e engoli as objecções.

— Claro — disse, erguendo a cara e esboçando o sorriso brilhante que me surgia quando me sentia verdadeiramente ansiosa. — Vamos continuar com a cerimónia. — Captei um vislumbre da face de Quinn entre a multidão. Olhava-me, preocupado pela discussão em voz baixa. Amelia, por outro lado, conversava alegremente com Peixe-Gato, que conheceu no bar. Hoyt estava sozinho naquele momento, por baixo de uma das luzes penduradas para a ocasião. Tinha as mãos enfiadas nos

bolsos e parecia mais sério do que alguma vez o vira. Havia qualquer coisa estranha na sua aparência e, após um segundo, percebi o que era.

Era uma das poucas vezes em que vira Hoyt sozinho.

Segurei o braço do meu irmão e Calvin voltou a fazer o mesmo ao braço de Crystal. O pastor entrou no centro do círculo e a cerimónia começou. Apesar de me esforçar para parecer feliz por Jason, custou-me conter as lágrimas enquanto o meu irmão se unia maritalmente a uma rapariga selvagem e caprichosa, que fora perigosa desde o dia do seu nascimento.

Houve dança a seguir. E também um bolo de casamento e muito álcool. Comida a rodos e, como consequência, enormes contentores de lixo encheram-se com pratos de cartão, latas e guardanapos de papel amarrotados. Alguns dos homens tinham trazido caixas com garrafas de cerveja e vinho e outros traziam também bebidas mais fortes. Ninguém poderia dizer que Hotshot não sabia como dar uma festa.

Uma banda de música *zydeco* vinda de Monroe tocava e os convidados dançavam na rua. A música ecoava pelos campos de uma forma sinistra. Estremeci e pensei sobre aquilo que nos observaria da escuridão.

— São bons, não são? — perguntou Jason. — A banda.

— Sim — concordei. A sua felicidade era indisfarçável. A noiva dançava com um dos primos.

— Foi por isso que apressámos o casamento — disse. — Descobriu que estava grávida e decidimos fazê-lo. Sem mais. E a banda preferida dela estava livre esta noite.

Abanei a cabeça perante a impulsividade do meu irmão. A seguir, lembrei-me de reduzir ao mínimo os sinais visíveis de desaprovação. A família da noiva poderia ofender-se.

Quinn era bom dançarino, apesar de precisar de lhe ensinar alguns dos passos Cajun. Todas as beldades de Hotshot queriam também uma dança com Quinn e, por isso, dancei com Calvin, Hoyt e Peixe-Gato. Conseguia perceber que Quinn se divertia e, nesse aspecto, também eu. Mas, por volta das duas e meia da manhã, trocámos acenos breves com a cabeça. Ele precisava de partir no dia seguinte e eu queria ficar a sós com ele. Além disso, estava cansada de sorrir.

Enquanto Quinn agradecia a Calvin pela noite encantadora, observava Jason e Crystal dançando juntos, ambos aparentemente encantados um com o outro. Captei no cérebro de Jason que estava perdido pela metamorfa, pela subcultura que a formara, pela novidade da per-

tença à comunidade sobrenatural. Pelo cérebro de Crystal, percebi que estava radiante. Sempre quisera casar com alguém que não tivesse crescido em Hotshot, alguém que fosse excitante na cama, alguém capaz de suportar a ela e à família alargada... e agora tinha-o feito.

Avancei para o casal feliz e beijei-os a ambos na face. Crystal passava a fazer parte da família, afinal, e teria de aceitar e permitir que ambos resolvessem a sua vida juntos. Abracei também Calvin e segurei-me por um segundo antes de me libertar com uma palmada confortante nas costas. Peixe-Gato dançou comigo às voltas e um Hoyt embriagado substituiu-o. Custou-me a convencê-los de que queria mesmo partir, mas, finalmente, Quinn e eu conseguimos regressar ao carro.

Enquanto avançávamos por entre a multidão, avistei Amelia dançando com um dos residentes mais apetecíveis de Hotshot. Estavam os dois muito alegres, tanto em sentido literal como etílico. Disse-lhe que partíamos e gritou-me:

— Apanho boleia com alguém mais tarde!

Apesar de me agradar ver Amelia feliz, não conseguia evitar preocupar-me um pouco com ela. Mas conseguiria cuidar de si.

Caminhávamos lentamente quando entrámos em casa. Não verifiquei o que havia na cabeça de Quinn, mas a minha estava atordoada pelo barulho, pelo clamor de mentes em redor e pelos picos emocionais. Fora um dia longo. No entanto, parte dele fora excelente. Ao recordar as melhores partes, dei comigo a sorrir a Bob. O gato grande esfregou-se contra os meus tornozelos, miando de uma forma interrogativa.

Bolas.

Senti que tinha de explicar a ausência de Amelia ao gato. Agradei-me e cocei-lhe a cabeça enquanto (sentindo-me incrivelmente tonta) lhe dizia:

— Olá, Bob. Ela vai chegar muito tarde hoje. Ficou a dançar na festa. Mas não te preocupes. Há-de voltar! — O gato voltou-me as costas e saiu da sala. Não sabia ao certo que percentagem de humanidade permanecia no pequeno cérebro felino de Bob, mas esperei que adormecesse e esquecesse a nossa estranha conversa.

Nesse momento, ouvi Quinn chamar-me do meu quarto e suspendi os pensamentos acerca de Bob. Afinal, seria a nossa última noite juntos em semanas.

Enquanto escovava os dentes e lavava a cara, assaltou-me uma última pontada de preocupação por Jason. O meu irmão fizera a cama e deitava-se nela. Esperei que ficasse confortável durante algum tempo. «É um adulto», disse a mim mesma, uma e outra vez, enquanto me dirigia ao quarto, vestindo o meu melhor roupão.

Quinn puxou-me para si e disse:

— Não te preocupes, querida. Não te preocupes...

Bani o meu irmão e Bob dos meus pensamentos e daquele quarto. Ergui uma mão para seguir com os dedos a curva do seu crânio, fazendo-os continuar pela coluna abaixo e adorando senti-lo estremecer.



Dormia em pé. Ainda bem que conhecia cada centímetro do *Merlotte's* como a minha casa ou teria chocado contra cada mesa e cadeira. Bocejei muito enquanto ouvia o pedido de Selah Pumphrey. Habitualmente, Selah deixava-me fula. Há várias semanas que saía com o Ex-Amante Sem Nome (há meses, já). Por mais invisível que o Ex se tivesse tornado, ela nunca seria a minha pessoa preferida.

— Não tens descansado o suficiente, Sookie? — perguntou, com voz penetrante.

— Desculpa — disse-lhe. — Acho que não. Estive no casamento do meu irmão até tarde ontem à noite. Que tipo de molho queres na tua salada?

— Rancheiro. — Os olhos grandes e escuros de Selah examinavam-me como se quisesse fazer-me o retrato. Queria saber tudo sobre o casamento de Jason, mas fazer-me perguntas seria render-se ao inimigo. Selah tonta.

Pensando melhor, o que fazia Selah ali? Nunca viera sem Bill. Vivia em Clarice. Não que Clarice ficasse longe. A viagem levava entre quinze a vinte minutos. Mas porque estaria uma agente imobiliária de Clarice em... ah. Devia mostrar uma casa a alguém. Sim, o cérebro estava lento naquele dia.

— Muito bem. Trago já — disse, voltando-lhe as costas.

— Ouve — disse Selah. — Deixa-me ser franca.

Ai. Na minha experiência, aquilo significava: «Deixa-me ser abertamente má.»

Virei-me, tentando parecer tudo menos incrivelmente irritada, como me sentia realmente. Não era o dia certo para se meterem comigo. Entre as minhas muitas preocupações, Amelia não voltara para casa na noite anterior e, quando subi ao andar de cima para procurar Bob, descobri que tinha vomitado no meio da sua cama... o que não seria um problema se a cama não estivesse coberta com a colcha da minha bisavó. Coubera-me limpar a porcaria e deixar a colcha de molho na máquina de lavar. Quinn partira cedo e isso entristecia-me. Além disso, havia o casamento de Jason, com tanto potencial para o desastre.

Conseguia pensar em mais alguns itens para acrescentar à lista (incluindo a torneira que pingava na minha cozinha), mas bastará para perceberem que o meu dia não estava a ser feliz.

— Estou a trabalhar, Selah. Não posso ter conversas pessoais contigo. Ignorou o comentário.

— Sei que vais viajar com o Bill — disse-me. — Estás a tentar roubar-mo. Há quanto tempo planeias isto?

Percebi que tinha a boca aberta. Aquilo apanhou-me desprevenida. A minha telepatia ficava afectada pelo cansaço. Tal como o meu tempo de reacção e o raciocínio. E costumava escudar-me intensamente quando trabalhava. Fora por isso que não captara os pensamentos de Selah. Senti a raiva trespassar-me, erguendo a mão para a esbofetear como merecia. Mas uma mão quente e forte segurou a minha e fê-la voltar a descer. Sam estava presente e eu nem sequer percebera que se aproximara. Naquele dia, tudo me passava ao lado.

— Menina Pumphrey, terá de almoçar noutra sítio — disse Sam, com um tom de voz cordato. Claro que todos olhavam. Conseguia sentir os cérebros ávidos por boatos novos enquanto os

olhares acompanhavam cada pormenor da cena. Senti-me corar.

— Tenho o direito de aqui estar — disse Selah, elevando a voz arrogante. Era um enorme erro. Num instante, toda a simpatia dos espectadores passou para mim. Conseguia sentir a onda cobrir-me. Arregalei os olhos e fiz cara triste como um daqueles miúdos com olhos anormalmente grandes em quadros horríveis representando crianças pobres. Não me custava muito parecer miserável. Sam rodeara-me com o braço como se fosse uma criança ferida e olhou Selah com uma expressão que transmitia apenas uma grande desilusão pelo seu comportamento.

— E eu tenho o direito de te pedir para saíres — disse. — Não posso permitir que insultes os meus funcionários.

Selah nunca seria rude para Arlene, Holly ou Danielle. Mal sabia que existiam porque não era o tipo de mulher que olhasse para a criadagem. Sempre a roera que Bill tivesse saído comigo antes de a conhecer. («Saído» no livro de Selah era eufemismo para «ter sexo formidável e frequente com».)

O corpo de Selah estremecia de raiva quando atirou o guardanapo ao chão. Levantou-se tão abruptamente que a cadeira teria caído se Dawson, um colosso lobisomem que geria uma oficina de reparação de motas, não a tivesse apanhado com a sua enorme mão. Selah pegou na bolsa e saiu pela porta com passo apressado, evitando por pouco uma colisão com a minha amiga Tara, que entrava.

Dawson mostrava-se muito divertido pela cena.

— Tanta coisa por um vampiro — disse. — Aquelas coisas de sangue frio devem ser especiais para deixar mulheres bonitas tão arreliadas.

— Quem está arreliada? — perguntei, sorrindo e endireitando-me para mostrar a Sam que não me afectara. Não me pareceu que o tivesse convencido, porque me conhece bastante bem. Mas compreendeu que me recompunha emocionalmente e voltou para trás do balcão. Um burburinho de discussão motivado pelo momento saboroso ergueu-se da clientela do almoço. Aproximei-me da mesa onde Tara se sentava. Trazia JB du Rone consigo.

— Estás com bom ar, JB — disse, alegremente, puxando as ementas entaladas entre o suporte de guardanapos e o saleiro e pimenteiro ao centro da mesa e passando uma a cada um. As minhas mãos tremiam, mas não me pareceu que tivessem notado.

JB sorriu-me.

— Obrigado, Sookie — disse, com a sua voz agradável de barítono. JB era belíssimo, mas muito pouco dotado no campo da inteligência. No entanto, isso conferia-lhe uma simplicidade encantadora. Tara e eu tínhamo-lo protegido na escola porque, assim que essa simplicidade era percebida por outros rapazes menos bonitos, tornava-se um alvo e JB passara por momentos difíceis... sobretudo na escola preparatória. Porque Tara e eu também tínhamos enormes lacunas na nossa popularidade respectiva, tentáramos protegê-lo tanto quanto nos era possível. Em troca, JB acompanhara-me a um par de bailes a que quisera muito ir e a sua família dera a Tara um sítio onde ficar nas ocasiões em que eu não podia fazê-lo.

Tara dormira com JB algures neste percurso doloroso. Eu não. Pareceu não alterar nenhum dos relacionamentos.

— O JB tem um emprego novo — disse Tara, sorrindo com satisfação. Então fora por isso que viera. A nossa amizade tinha tido altos e baixos nos meses anteriores, mas sabia que ela gostaria de partilhar o seu orgulho por ter feito uma coisa positiva por JB.

A notícia era excelente. E ajudava-me a não pensar em Selah Pumphrey e na sua raiva.

— Onde? — perguntei a JB, que olhava a ementa como se nunca a tivesse visto antes.

— No ginásio de Clarice — respondeu. Ergueu o olhar e sorriu. — Dois dias por semana, sento-me atrás de uma secretária com isto vestido. — Indicou com uma mão o seu pólo limpo e justo, com riscas castanhas e cor de vinho, e as calças caqui. — Peço aos membros para assinarem o registo, faço batidos saudáveis, limpo o equipamento e distribuo toalhas. Três dias por semana, visto roupa de exercício e ajudo as senhoras.

— Parece fantástico — disse, espantada pela perfeição do emprego para as qualificações limitadas de JB. Era um homem encantador: músculos impressionantes, face vistosa, dentes direitos e brancos. Era um anúncio ambulante à boa forma física. Além disso, tinha boa natureza e era meticoloso.

Tara olhou-me, esperando o elogio devido.

— Muito bem — disse-lhe. Ergueu a mão à espera do embate da minha e não a desiludi.

— Sookie, a única coisa que tornaria a vida perfeita seria que me procurasses numa noite qualquer — disse JB. Ninguém conseguia projectar luxúria íntegra e simples como ele.

— Obrigada, JB, mas tenho alguém — respondi, não me dando ao trabalho de manter a voz baixa. Depois da pequena exibição de Selah, senti que precisava de me vangloriar um pouco.

— Aaah. Aquele Quinn? — perguntou Tara. Talvez lho tivesse mencionado uma ou outra vez. Acenei afirmativamente e voltámos a fazer a embater as mãos. — Está na cidade? — perguntou, baixando a voz. Respondi, em tom igualmente discreto:

— Partiu hoje de manhã.

— Quero o *cheeseburger* mexicano — disse JB.

— Então já to trago — respondi. Depois de Tara pedir, marchei até à cozinha. Não apenas me sentia encantada pelo sucesso de JB,

como estava feliz por ver que a minha amizade com Tara parecia estar reparada. Precisara de algo para animar o meu dia e obtivera-o.

Quando voltei para casa com um par de sacos de compras, Amelia voltara e a minha cozinha brilhava como se tivesse saído de um catálogo. Quando se sentia tensa ou aborrecida, Amelia limpava, o que era um hábito fantástico para uma companheira de casa, especialmente para quem não estivesse habituado a ter uma. Gostava de uma casa limpa e era afectada por impulsos de limpeza ocasionais, mas, comparada com Amelia, era uma desleixada.

Olhei as janelas imaculadas.

— Sentes-te culpada, hã? — perguntei.

Amelia encolheu os ombros. Estava sentada à mesa com uma caneca de um dos seus chás estranhos, com vapor erguendo-se do líquido escuro.

— Sim — respondeu, taciturna. — Vi a colcha na máquina de lavar. Tratei da mancha e está pendurada no arame lá atrás.

Porque a tinha visto quando chegara, limitei-me a acenar com a cabeça.

— O Bob retaliou — disse.

— Pois.

Pensei em perguntar-lhe com quem tinha ficado e, a seguir, percebi que não me dizia respeito. Além disso, sentia-me muito cansada, Amelia era uma emissora de primeira e, segundos depois, saberia que tinha ficado com Derrick, o primo de Calvin, e que o sexo não fora bom. Além disso, os lençóis de Derrick estavam muito sujos e isso afectara-a muito. Para piorar tudo, quando Derrick acordara naquela manhã, referira que, na sua opinião, uma noite tornava-os um casal. Amelia teve dificuldades para conseguir que Derrick lhe desse boleia até ali. Quisera que ficasse com ele em Hotshot.

— Repelida? — perguntei, guardando a carne picada no congelador. Era a minha semana como cozinheira e comeríamos hambúrgueres com batatas cozidas e feijão verde.

Amelia acenou afirmativamente, erguendo a caneca para beber um gole. Era um remédio caseiro para a ressaca e estremeceu enquanto o aplicava.

— Sim. Aqueles tipos de Hotshot são um pouco estranhos — disse.

— Alguns sim. — Amelia ajustara-se melhor à minha telepatia do que qualquer outra pessoa que tivesse conhecido. Porque, de qualquer

forma, era franca e aberta (por vezes demasiado), suponho que nunca achava ter segredos a esconder.

— O que vais fazer? — perguntei. Sentei-me à sua frente.

— Não saía com o Bob há muito tempo — explicou, saltando para o meio da conversa sem se preocupar com preliminares. Sabia que perceberia. — Só passámos aquela noite juntos. É verdade que foi fantástico. Gostei muito dele. Foi por isso que começámos a... hmm... fazer experiências.

Acenei afirmativamente, tentando parecer compreensiva. Para mim, fazer experiências era lamber um sítio que nunca se tinha lambido antes ou tentar uma posição que provocasse câibras nas coxas. Coisas desse género. Não envolvia transformar o parceiro num animal. Nunca conseguira reunir a coragem para perguntar a Amelia qual fora o objectivo e esse era um pormenor que o cérebro guardava para si.

— Suponho que gastes de gatos — disse-lhe, seguindo o meu rumo de pensamento até à sua conclusão lógica. — Quer dizer, o Bob é um gato, um gato pequeno, e escolheste o Derrick entre todos os tipos que ficariam encantados por passar a noite contigo.

— Hã? — perguntou Amelia, erguendo a cabeça. Tentou soar casual. — Havia mais do que um?

Amelia tinha a tendência de pensar demasiado bem de si própria como bruxa, menosprezando-se enquanto mulher.

— Um ou dois — disse, tentando não me rir. Bob entrou e rodeou-me as pernas, ronronando de forma sonora. Dificilmente conseguiria ser mais óbvio, tendo passado por Amelia como se esta fosse um amontoado de caca de cão.

Amelia suspirou profundamente.

— Ouve, Bob, tens de me perdoar — disse ao gato. — Desculpa. Deixei-me levar. Um casamento, algumas cervejas, dança na rua, um companheiro exótico... Desculpa. Estou muito, muito arrependida. E se prometer manter-me celibatária até conseguir perceber uma forma de te transformar outra vez em humano?

Era um enorme sacrifício da parte de Amelia, como alguém que lhe tivesse lido os pensamentos durante dois dias (ou mais) saberia. Amelia era uma rapariga muito saudável e era muito directa. Era também bastante variada nas suas preferências.

— Bom — disse, pensando melhor. — E se prometer não dormir com homens?

Bob endireitou as patas dianteiras e manteve as traseiras no chão, com a cauda rodeando as patas da frente. Parecia adorável enquanto fitava Amelia, com os seus grandes olhos amarelos sem pestanejar. Parecia pensar no assunto. Por fim, disse: «Raur.»

Amelia sorriu.

— Vais interpretar isto como um sim? — perguntei. — Se o fizeres, lembra-te... de que só gosto de homens. Não tenhas esperanças.

— Ó. Acho que nem sequer tentaria dormir contigo, seja como for — disse Amelia.

Referi a sua falta de tacto?

— Porque não? — perguntei, insultada.

— Não escolhi o Bob por acaso — respondeu Amelia, parecendo tão envergonhada quanto lhe seria possível. — Gosto de pouca carne e cabelo escuro.

— Terei de viver com isso — disse, tentando parecer profundamente desiludida. Amelia atirou-me a bola de rede que usara para fazer o seu chá e apanhei-a no ar.

— Bons reflexos — considerou, surpreendida.

Encolhi os ombros. Apesar de se ter passado muito tempo desde que ingerira sangue de vampiro, parecia restar ainda qualquer coisa no meu sistema. Sempre fora saudável, mas, agora, raramente me doía, sequer, a cabeça. E movia-me um pouco mais rápido do que a maioria das pessoas. Não era a única a beneficiar dos efeitos secundários da ingestão de sangue de vampiro. Depois de os efeitos se tornarem conhecidos, os vampiros tornaram-se presas. Recolher o seu sangue para vender no mercado negro passou a ser uma profissão lucrativa e altamente perigosa. Ouvira no rádio, naquela manhã, que um drenador tinha desaparecido do seu apartamento em Texarkana, depois de sair da prisão em liberdade condicional. Quando se tem um vampiro como inimigo, ele poderá esperar muito mais tempo.

— Talvez seja o sangue de fada — disse Amelia, olhando-me, pensativa.

Voltei a encolher os ombros, daquela vez com uma definitiva postura de mudança de assunto. Aprendera apenas recentemente que tinha sangue de fada na minha linhagem e isso não me agradava muito. Não sabia de que lado da família recebera aquele legado e muito menos quem fora o responsável. Sabia apenas que, algures no passado, alguém na minha família se tornara íntimo de uma fada. Passei algumas horas a examinar as árvores genealógicas amarelecidas e a história familiar

que a minha avó se esforçara tanto para compilar e não encontrei qualquer pista.

Como se tivesse sido convocada pelo pensamento, Claudine bateu à porta dos fundos. Não voara em asas translúcidas. Chegara no seu carro. Claudine era uma fada de sangue puro e tinha outras formas de deslocação, mas usava-as apenas em emergências. Era muito alta, com cabelo longo e escuro e olhos escuros grandes e amendoados. Precisava de cobrir as orelhas com o cabelo, já que, ao contrário do seu irmão gémeo, Claude, não alterara cirurgicamente as extremidades pontiagudas.

Abraçou-me com entusiasmo e limitou-se a acenar a Amelia. Não eram loucas uma pela outra. Amelia aprendera a fazer magia, mas Claudine era mágica na sua essência. Nenhuma das duas conseguia confiar plenamente na outra.

Normalmente, Claudine era a criatura mais alegre que alguma vez conhecera. Era muito bondosa, doce e prestável, como uma escuteira sobrenatural, por ser a sua natureza e porque tentava subir na hierarquia e tornar-se um anjo. Mas, naquela noite, a sua expressão era invulgarmente séria. Senti o coração afundar-se. Queria ir para a cama, queria sentir saudades de Quinn em privado e queria ultrapassar os nervos acumulados no *Merlotte's*. Não queria más notícias.

Claudine sentou-se à mesa da cozinha à minha frente e segurou-me as mãos. Olhou Amelia.

— Vai dar uma volta, bruxa — disse, chocando-me.

— Cabra de orelhas em bico — murmurou Amelia, erguendo-se com o seu chá.

— Assassina de parceiros — retorquiu Claudine.

— Ele não está morto! — guinchou Amelia. — Está só... diferente!

Claudine roncou e conseguiu que o ruído fosse uma resposta adequada.

Sentia-me demasiado cansada para censurar Claudine pela indelicadeza sem precedentes. Apertava-me demasiado as mãos para me sentir agradada ou confortada pela sua presença.

— Que se passa? — perguntei.

Amelia saiu da cozinha e ouvi-lhe os sapatos nos degraus para o andar de cima.

— Não há vampiros presentes? — perguntou Claudine, parecendo ansiosa. Sabem como um viciado em chocolate se sente perante

um gelado com pepitas regado com chocolate preto derretido? É o que sentem os vampiros perante as fadas.

— Sim. Só cá estou eu, tu, a Amelia e o Bob — expliquei. Não negaria a Bob a sua humanidade, apesar de, por vezes, ser difícil recordá-la, sobretudo quando era preciso mudar-lhe a areia.

— Vais à cimeira?

— Sim.

— Porquê?

Era uma boa pergunta.

— A rainha paga-me — disse.

— Precisas assim tanto do dinheiro?

Pretendia tranquilizar-lhe a preocupação, mas acabei por pensar seriamente no assunto. Claudine fizera muito por mim e o mínimo que poderia fazer por ela seria pensar no que dissera.

— Posso viver sem ele — respondi. Afinal, restava-me algum do dinheiro que Eric me pagara para o esconder de um grupo de bruxas. Mas uma grande parte desaparecera, como costuma acontecer ao dinheiro. O seguro não cobrira tudo o que fora danificado ou destruído pelo incêndio na cozinha no Inverno anterior e substituíra os electrodomésticos, além de ter feito um donativo aos bombeiros. Tinham chegado tão rapidamente e esforçaram-se muito para salvar a cozinha e o meu carro.

A seguir, Jason precisara de ajuda para pagar a conta do médico depois do aborto de Crystal.

Percebi que sentia saudades do espaço confortável entre solvência e falência. Queria reforçá-lo, alargá-lo. O meu pequeno navio navegava em águas financeiras muito precárias e queria ter um rebocador por perto para o manter em movimento.

— Posso viver sem ele — repeti, com maior firmeza. — Mas não quero fazê-lo.

Claudine suspirou. A sua expressão estava cheia de mágoa.

— Não posso ir contigo — disse. — Sabes como os vampiros se comportam quando estamos por perto. Nem sequer posso fazer uma visita.

— Compreendo — disse, um pouco surpresa. Nunca sonhara que Claudine pudesse ir.

— E acho que vai haver sarilhos — disse.

— De que tipo? — Da última vez que fora a um convívio de vampiros, houvera grandes sarilhos, da pior espécie, o tipo mais sangrento possível de sarilhos.

— Não sei — respondeu Claudine. — Mas sinto-os a aproximar-se e acho que deverias ficar em casa. O Claude concorda.

Claude não se importava minimamente com o que poderia acontecer-me, mas Claudine era suficientemente generosa para incluir o irmão na sua bondade. Tanto quanto conseguia perceber, a contribuição de Claude para o mundo era meramente decorativa. Era incrivelmente egoísta, desprovido de capacidades de sociabilização e tremendamente belo.

— Desculpa, Claudine. Vou sentir a tua falta enquanto estiver em Rhodes — disse. — Mas comprometi-me a ir.

— Integrar a comitiva de uma vampira — disse Claudine, parecendo abatida — marcar-te-á para sempre como parte do seu mundo. Não voltarás a ser um elemento externo inocente. Demasiadas criaturas passarão a conhecer-te e saberão onde encontrar-te.

Não era tanto o que Claudine dissera mas sim a forma como o dissera a arrepiar-me pela espinha acima até ao couro cabeludo. Estava certa. Não poderia defender-me, apesar de pensar que já estava demasiado envolvida no mundo dos vampiros para me afastar.

Sentada na minha cozinha, com o sol do fim de tarde entrando pela janela, tive um daqueles momentos iluminados que nos transformam para sempre. Amelia permanecia em silêncio no andar de cima. Bob voltara para se sentar junto à tigela da comida, olhando fixamente Claudine. A própria Claudine brilhava com o raio de sol que a atingia em cheio na face. A maioria das pessoas não conseguiria esconder todos os defeitos da sua pele nas mesmas circunstâncias. Claudine continuava a parecer perfeita.

Não sabia ao certo se algum dia perceberia Claudine e a sua forma de pensar acerca do mundo e o que sabia sobre a sua vida ainda era assustadoramente pouco. Mas sentia-me bastante segura de que se tinha dedicado a garantir o meu bem-estar, qualquer que fosse o motivo, e de que receava realmente pela minha segurança. E, no entanto, sabia que iria a Rhodes com a rainha, com Eric e com o renegado, além da restante comitiva do Louisiana.

Estaria apenas curiosa para ver qual seria o plano de trabalhos de uma cimeira de vampiros? Desejaria atrair as atenções de mais membros não-mortos da sociedade? Queria ser conhecida como vampirófila, como os humanos fanáticos pelos mortos ambulantes? Alguma parcela de mim ansiaria por uma oportunidade para estar perto de Bill sem precisar de o procurar, procurando ainda ver algum sentido na

sua traição? Ou seria por Eric? Sem que o soubesse, estaria apaixonada pelo víquingue extravagante, que era tão belo e tão bom na cama e, ao mesmo tempo, tão envolvido na sua política?

Parecia um conjunto promissor de problemas para alimentar uma telenovela.

— Não perca o próximo episódio — murmurei. Quando Claudine me olhou de soslaio, disse: — Claudine, envergonha-me dizer-te que farei uma coisa que não faz grande sentido de várias formas, mas quero o dinheiro e vou fazê-lo. Voltaremos a ver-nos. Não te preocupes, por favor.

Amelia voltou à cozinha com passos pesados e começou a fazer mais chá. Com tanto chá, acabaria por flutuar para longe.

Claudine ignorou-a.

— Vou preocupar-me — disse, simplesmente. — Vêm aí problemas, minha querida, e cair-te-ão em cima da cabeça.

— Mas não sabes como ou quando?

Abanou a cabeça.

— Não. Apenas sei que virão.

— Olha-me nos olhos — murmurou Amelia —, vejo um homem alto e moreno...

— Cala-te — disse-lhe.

Voltou-nos as costas e arrancou as folhas mortas a algumas das suas plantas de forma teatral.

Claudine partiu pouco depois. Durante o resto da visita, não recuperou a sua habitual postura feliz. Não voltou a dizer nada sobre a minha partida.





6

Na segunda manhã após o casamento de Jason, sentia-me mais próxima da minha disposição habitual. Ter uma missão ajudava. Precisava de estar na *Tara's Togs* quando abrisse às dez. Tinha de escolher a roupa que Eric me dissera ser necessária para a cimeira. Só tinha de ir para o *Merlotte's* por volta das cinco e meia daquela tarde e tinha uma sensação agradável de um dia livre pela frente.

— Olá, miúda! — disse Tara, saindo das traseiras da loja para me saudar. A sua assistente em part-time, McKenna, olhou-me e voltou a mudar roupas de sítio. Presumi que colocava artigos mal arrumados no sítio correcto. As empregadas de lojas de roupa parecem passar muito tempo a fazer isso. McKenna não falava e não me enganaria muito se dissesse que evitava falar comigo. Aquilo doía, já que a tinha ido ver ao hospital quando lhe tiraram o apêndice, duas semanas antes e até levava um presentinho.

— O Bobby Burnham, sócio do Sr. Northman, ligou para dizer que precisavas de roupa para uma viagem — disse Tara. Acenei afirmativamente, tentando parecer pragmática. — Seria roupa informal? Ou roupa mais indicada para tratar de negócios? — Esboçou-me um sorriso brilhante completamente falso e soube que estava zangada comigo por recluir o que poderia acontecer-me. — McKenna, podes levar as cartas ao correio — disse-lhe Tara, com um tom de voz autoritário.

McKenna dirigiu-se à porta dos fundos, com as cartas enfiadas debaixo do braço como se fosse um chicote de montar.

— Tara — disse —, não é o que pensas.

— Sookie, não me diz respeito — respondeu ela, esforçando-se para permanecer neutral.

— Acho que diz — contrapus. — És minha amiga e não quero que penses que viajarei com um monte de vampiros por diversão.

— Então porque vais? — A sua expressão perdeu toda a simpatia simulada. Não poderia ser mais séria.

— Vou ser paga para acompanhar alguns dos vampiros do Louisiana a um grande encontro. Serei uma espécie de contador geiger humano. Dir-lhes-ei se um humano tentar enganá-los e saberei o que pensarão os humanos que vierem com os outros vampiros. Será só desta vez. — Não podia explicar com todos os pormenores. Tara envolvera-se no mundo dos vampiros mais do que seria aconselhável e quase morrera por isso. Não queria voltar a envolver-se e não podia censurá-la. Mas, mesmo assim, não podia dizer-me o que fazer. Passara muito tempo a pensar naquele assunto, mesmo antes da advertência de Claudine e não permitiria que alguém tentasse demover-me depois de tomada a decisão. Não havia mal nenhum em comprar a roupa e em trabalhar para vampiros... desde que não provocasse a morte de humanos.

— Somos amigas há muito tempo — disse Tara, em voz baixa. — Passámos por muito. Amo-te, Sookie, e sempre amarei. Mas as coisas não estão bem. — Tara sofrera tantas decepções e mágoas na vida que não estava disposta a suportar mais. Por isso, libertava-se de mim e pensava que devia ligar ao JB naquela noite para renovar o seu conhecimento carnal. E fá-lo-ia quase em minha memória.

Era uma forma estranha de escrever o meu epitáfio prematuro.

— Preciso de um vestido de noite, de um vestido de cocktail e de algumas roupas boas para usar durante o dia — disse, conferindo a lista sem necessidade. Não continuaria a perder tempo com Tara. Divertir-me-ia, por mais amarga que me parecesse. Disse a mim própria que lhe passaria.

E saber-me-ia bem comprar roupa. Comecei com um vestido de noite e um vestido de cocktail. E comprei dois fatos, fatos de mulher de negócios (não exactamente, mas quase, até porque não consigo ver-me de riscado). E dois conjuntos de saia-casaco. E collants e meias pelo joelho e um roupão ou dois. E alguma lingerie.

Equilibrava-me entre a culpa e o deleite. Gastei maior quantidade do dinheiro de Eric do que seria necessário e pensei no que aconteceria se Eric pedisse para ver o que comprara. Sentir-me-ia muito mal se o fizesse. Mas era como se tivesse sido dominada por um frenesim consumista, parcialmente pelo prazer que proporcionava, parcialmente por estar irritada com Tara e também para negar o medo que sentia perante a necessidade de acompanhar um grupo de vampiros onde quer que fosse.

Com outro suspiro, desta vez um suspiro muito baixo e privado, devolvi a lingerie e os roupões às mesas de onde os recolhera. Não eram essenciais. Fiquei triste por me separar do que escolhera, mas, no fundo, senti-me melhor. Comprar roupa para um propósito específico era adequado. Era uma refeição. Mas comprar roupa interior era muito diferente. Era como comer um bolo com creme. Ou um gelado. Era doce, mas fazia mal.

O padre local, que começara a frequentar as reuniões da Irmandade do Sol sugerira-me que fazer amizade com vampiros, ou até trabalhar para eles, expressava uma espécie de desejo de morte. Dissera-me isto sobre o seu hambúrguer na semana anterior. Pensava no assunto, de pé junto à caixa registadora enquanto Tara somava as minhas compras, que seriam pagas com dinheiro de vampiro. Seria mesmo verdade que queria morrer? Abanei a cabeça. Não, não queria. E achava que a Irmandade do Sol, o movimento anti-vampiro de extrema-direita que conquistava apoiantes na América, era uma treta. A sua condenação de todos os humanos que se relacionassem com vampiros, indo até à recusa de frequentar estabelecimentos que pertencessem a um deles, era ridícula. Mas o que me atrairia nos vampiros?

Era esta a verdade: Tinha tão poucas hipóteses de alcançar o tipo de vida que os meus colegas de escola tinham conseguido (o tipo de vida que crescera vendo como ideal) que qualquer outra vida que pudesse formular me parecia interessante. Se não conseguia ter um marido, se não pudesse preocupar-me com o que levaria ao piquenique da igreja, com a casa que precisaria de ser pintada, preocupar-me-ia com o efeito de saltos de sete centímetros no meu equilíbrio enquanto usasse vários quilos adicionais de lantejoulas.

Quando estava pronta para ir, McKenna, que regressara dos correios, levou os meus sacos para o carro enquanto Tara conferia a quantidade com o homem que se ocupava dos assuntos de Eric durante o dia, Bobby Burnham. Desligou o telefone, parecendo agradada.

— Gastei tudo? — perguntei, curiosa por descobrir quanto investira Eric em mim.

— Nem por sombras — respondeu. — Queres gastar mais?

Mas a diversão chegara ao fim.

— Não — disse. — Já tenho que chegue. — Dominou-me um impulso claro para devolver a Tara todos os trapos. A seguir, pensei em como isso seria desagradável para ela. — Obrigada pela ajuda, Tara.

— O prazer foi meu — assegurou. O seu sorriso tornara-se um pouco mais caloroso e genuíno. Tara sempre gostara de ganhar dinheiro e nunca conseguiu passar muito tempo chateada comigo. — Precisas de ir à *World of Shoes* em Clarice para arranjar alguma coisa para calçar com o vestido de noite. Estão em saldos.

Mentalizei-me. Era o dia para tratar de tudo. Próxima paragem: *World of Shoes*.

Partiria na semana seguinte e o trabalho dessa noite passou de pressa enquanto me sentia cada vez mais entusiasmada pela viagem. Rhodes seria o sítio mais distante de casa em que estaria. Ficava no Norte, junto a Chicago. Na verdade, nunca passara a Linha Mason-Dixon. Só viajara de avião uma vez e fora um voo curto de Shreveport para Dallas. Teria de comprar uma mala, uma daquelas com rodas. Teria de comprar... Pensei numa lista longa de itens mais pequenos. Sabia que alguns hotéis tinham secadores de cabelo. Aconteceria o mesmo com o *Pyramid of Gizeh*? O *Pyramid* era um dos mais famosos hotéis especializados em vampiros que tinham surgido nas principais cidades americanas.

Porque já discutira com Sam o tempo que passaria fora, disse-lhe naquela noite quando esperava partir. Sam sentava-se atrás da sua secretária no gabinete quando lhe bati à porta (bom, à ombreira da porta, já que Sam quase nunca a fechava). Ergueu os olhos das contas a pagar. Agradava-lhe ser interrompido. Quando trabalhava nas contas, passava as mãos pelo cabelo louro arruivado e, como resultado, parecia ter levado um choque eléctrico. Sam preferiria ocupar-se do bar a ter de fazer aquilo, mas contratara um substituto para aquela noite apenas com o objectivo de tratar da contabilidade.

— Entra, Sook — disse. — Como vão as coisas lá fora?

— Bastante movimentadas. Só tenho um segundo. Queria dizer-te que parto na próxima quinta.

Sam tentou sorrir, mas acabou por conseguir apenas parecer infeliz.

— Tens de fazer isto? — perguntou.

— Ei, já falámos sobre o assunto — disse-lhe, num tom claro de advertência.

— Bom, vou ter saudades tuas — explicou. — E vou ficar um pouco preocupado. Tu e um monte de vampiros.

— Haverá humanos presentes. Gente como eu.

— Não como tu. Serão humanos com uma fixação doentia pela cultura dos vampiros ou oportunistas à espera de lucrar com os não-mortos. Não haverá gente saudável com esperanças de vida longas.

— Sam, há dois anos, não fazia qualquer ideia de como era o mundo à minha volta. Não sabia o que tu eras. Não sabia que os vampiros eram tão diferentes uns dos outros como nós. Não sabia que existiam fadas a sério. Não poderia ter imaginado nada disso. — Abanei a cabeça. — Que mundo este, Sam. É maravilhoso e assustador. Cada dia é diferente. Nunca pensei que teria uma vida e agora tenho.

— Seria a última pessoa no mundo a impedir-te de teres o teu lugar ao sol, Sookie — disse Sam, sorrindo-me. Mas notei que a sua afirmação era um pouco ambígua.

Pam veio a Bon Temps nessa noite, parecendo aborrecida e fria com um fato-macaco verde-claro com aplicações azuis. Calçava mocassins azul-escuros... De um tipo tão antiquado que me surpreendeu descobrir que ainda os vendiam. O couro escuro estava muito polido e os sapatos eram novos. Teve direito a muitos olhares de admiração no bar. Sentou-se na minha secção e esperou pacientemente, com as mãos sobre a mesa à sua frente. Deixou-se cair no estado de suspensão dos vampiros que conseguia ser muito enervante para quem nunca o tivesse visto. Os olhos abertos, mas sem ver, o corpo totalmente imóvel, a expressão neutra. Porque aproveitara para descansar, servi alguns clientes antes de ir à sua mesa. Estava certa de conhecer o motivo da sua vinda e não sentia grande vontade de ter aquela conversa.

— Pam, posso trazer-te uma bebida?

— Que se passa com o tigre? — perguntou, atacando directamente a jugular da conversa.

— Tenho saído com o Quinn — respondi. — Não podemos passar muito tempo juntos por causa do seu trabalho, mas vamos ver-nos na cimeira. — Quinn fora contratado para organizar algumas das cerimónias e rituais. Estaria ocupado, mas vê-lo-ia por lá e essa possibilidade entusiasmava-me. — Vamos passar um mês juntos depois — contei-lhe.

Bolas. Talvez tivesse exagerado na partilha. A face de Pam perdeu o sorriso.

— Sookie, não sei que tipo de jogo estranho tens com o Eric, mas não é bom para nós.

— Não tenho jogo nenhum! Nada!

— Podes não ter, mas ele sim. Não é o mesmo desde o tempo que passaram juntos.

— Não sei o que posso fazer acerca disso — disse, baixando a voz. Pam disse:

— Eu também não, mas espero que consiga lidar com o que sente por ti. Não lhe agrada ter conflitos interiores. Não gosta de se sentir preso a alguém. Já não é o vampiro despreocupado que costumava ser.

Encolhi os ombros.

— Pam, fui tão sincera com ele quanto conseguiria ser. Acho que talvez esteja preocupado com outra coisa. Estás a exagerar a minha importância nos planos do Eric. Se tem algum tipo de amor persistente por mim, não me falou disso. E nunca o vejo. E sabe o que se passa com o Quinn.

— Obrigou o Bill a confessar-te, não foi?

— Bom, estava presente — disse, sentindo-me insegura.

— Achas que o Bill alguma vez te contaria se o Eric não lhe tivesse ordenado que o fizesse?

Dera o meu melhor para esquecer por completo aquela noite. No meu subconsciente, sabia que a estranha escolha de momento para a revelação de Bill era significativa, mas não quisera pensar no assunto.

— Porque achas que Eric se importaria com as ordens de Bill ao ponto de as revelar a uma humana, se não o afligissem sentimentos menos adequados por ti?

Nunca vira a questão daquela forma. Sentira-me tão dilacerada pela confissão de Bill (a rainha enviara-o para me seduzir, se fosse necessário, e para conquistar a minha confiança) e não pensara no que levara Eric a forçá-lo a colocar-se naquela posição e a contar-me tudo.

— Não sei, Pam. Ouve, estou a trabalhar e precisas de pedir alguma coisa para beber. Tenho de servir as outras mesas.

— O negativo, então. *TrueBlood*.

Apressei-me a tirar a bebida do frigorífico e aqueci-a no microondas, abanando-a com cuidado para assegurar que a temperatura do conteúdo era uniforme. O líquido revestiu o vidro de uma forma desagradável, mas não havia dúvidas de que se parecia com sangue ver-

dadeiro e o sabor era também idêntico. Certa vez, colocara umas gotas num copo em casa de Bill para experimentar. Tanto quanto conseguia perceber, beber sangue sintético era exactamente como beber sangue real. Bill sempre o apreciara, apesar de ter referido mais do que uma vez que o sabor não era o mais importante. Era a sensação de morder a carne, de sentir o batimento cardíaco de um humano, que tornava divertido o vampirismo. Beber de uma garrafa não podia comparar-se. Levei a garrafa e um copo de vinho para a mesa de Pam e coloquei-os à sua frente, juntamente com um guardanapo, claro.

— Sookie? — Ergui os olhos, vendo que Amelia entrara.

A minha companheira de casa vinha ao bar com frequência, mas surpreendeu-me vê-la naquela noite.

— Que se passa? — perguntei.

— Hmm... olá — disse Amelia a Pam. Notei as calças vincadas, o pólo branco impecável, os ténis igualmente brancos. Olhei Pam. Os olhos claros estavam mais arregalados do que alguma vez os vira.

— Esta é a Amelia Broadway. Está a viver em minha casa — disse-lhe. — Amelia, esta é Pam, a vampira.

— É um prazer conhecer-te — disse Pam.

— Fato giro — considerou Amelia.

Pam pareceu agradada.

— Tu também tens muito bom aspecto — retribuiu.

— És uma vampira local? — perguntou Amelia. Era muito directa. E conversadora.

Pam respondeu:

— Sou o braço direito do Eric. Sabes quem é o Eric Northman?

— Claro — replicou Amelia. — É o borracho louro amoroso que vive em Shreveport, não é?

Pam sorriu. Os caninos mostraram-se por um instante. Movia o olhar de Amelia para a vampira. Bolas.

— Talvez te agradasse conhecer o bar numa destas noites? — disse Pam.

— Claro que sim — respondeu Amelia, mas não como se estivesse particularmente entusiasmada. Fazia-se de difícil. Se a conhecia bem, aguentaria uns dez minutos.

Afastei-me para atender um cliente que me chamava de outra mesa. Pelo canto do olho, vi que Amelia se sentava com Pam e conversaram durante alguns minutos antes de Amelia se levantar e ir até ao balcão, esperando o meu regresso.

— Que te traz aqui hoje? — perguntei, talvez de forma demasiado abrupta.

Amelia arqueou as sobrancelhas, mas não pedi desculpa.

— Queria apenas dizer-te que te ligaram.

— Quem?

— O Quinn.

Senti um sorriso formar-se na cara. Um sorriso genuíno.

— Que disse ele?

— Disse que te veria em Rhodes. E que já sente saudades tuas.

— Obrigada, Amelia. Mas podias ter-me ligado para aqui para me dizeres ou podias ter esperado que voltasse a casa.

— Ó. Aborreci-me.

Sabia que aconteceria, mais cedo ou mais tarde. Amelia precisava de um emprego. De um emprego a tempo inteiro. Sentia falta da cidade e dos seus amigos, claro. Mesmo que tivesse saído de Nova Orleães antes do Katrina, sofria um pouco com cada dia que passava desde a destruição da cidade. E também sentia saudades da bruxaria. Esperei que se aproximasse de Holly, outra das empregadas e uma wiccan aplicada. Mas, depois de as apresentar e de terem algumas conversas, Amelia contou-me, desolada, que ela e Holly eram tipos muito diferentes de bruxa. Amelia considerava-se uma bruxa verdadeira, enquanto Holly era uma wiccan. Amelia sentia um desprezo mal disfarçado pela fé wiccan. Reunira-se uma ou duas vezes com o círculo de Holly, em parte para se informar... e em parte porque ansiava pela companhia de outras praticantes.

Ao mesmo tempo, a minha companheira de casa mostrava-se muito ansiosa pela possibilidade de ser descoberta pelas bruxas de Nova Orleães e de ser forçada a pagar um preço elevado pelo erro da transformação de Bob. Para acrescentar outra camada emocional, desde o Katrina, Amelia receava pela segurança dessas mesmas bruxas. Não conseguia descobrir se estavam bem sem expor a sua localização.

Apesar de tudo isto, soube que viria o dia (ou a noite) em que Amelia se sentiria suficientemente irrequieta para se aventurar fora da minha casa, do meu pátio e de Bob.

Tentei não franzir a testa quando Amelia se dirigiu à mesa de Pam para retomar a conversa. Recordei à amiga preocupada dentro de mim que Amelia sabia cuidar de si própria. Provavelmente. Sentira-me mais segura na noite anterior, em Hotshot. Enquanto trabalhava, passei a pensar no telefonema de Quinn. Gostava de ter tido o meu novo

telemóvel comigo (graças à renda paga por Amelia, podia pagar um), mas não me pareceu correcto trazê-lo para o trabalho e Quinn saberia que estaria desligado a não ser que pudesse atender. Desejei que Quinn me esperasse em casa quando saísse do bar dali a uma hora. A força dessa fantasia inebriou-me.

Apesar de ter sido agradável deixar-me levar pela sensação, deixando-me com o agrado da minha nova relação, concluí que estava na altura de recuar um pouco e encarar a realidade. Concentrei-me nas mesas, sorrindo e fazendo conversa fiada conforme ia sendo necessário e levando garrafas de *TrueBlood* a Pam por uma ou duas vezes. Fora isso, deixara-a à vontade na sua conversa com Amelia.

Por fim, a última hora de trabalho terminou e o bar esvaziou-se. Juntamente com as outras empregadas, ocupei-me das tarefas de encerramento. Depois de me certificar de que os suportes de guardanapos e saleiros estavam cheios e preparados para o dia seguinte, percorri o pequeno corredor até ao armazém para colocar o meu avental no grande cesto de roupa suja. Após anos de queixas das empregadas, Sam pendurara finalmente um espelho lá atrás para nosso uso. Vi-me perfeitamente imóvel enquanto o olhava. Abanei-me e comecei a desatar o avental. Arlene ajeitava o cabelo ruivo. Não andávamos muito próximas. Envolvera-se com a Irmandade do Sol. Apesar de a Irmandade se apresentar como uma organização com fins informativos, dedicada à divulgação da «verdade» sobre os vampiros, os seus membros eram sobretudo gente que acreditava que os vampiros eram intrinsecamente maus e que deveriam ser eliminados por meios violentos. Os piores voltavam a sua raiva e medo contra os humanos que conviviam com vampiros.

Humanos como eu.

Arlene tentou captar o meu olhar no espelho. Falhou.

— Aquela vampira no bar é tua amiga? — perguntou, colocando um ênfase muito desagradável na última palavra.

— Sim — respondi. Se não gostasse de Pam, teria dito também que era minha amiga. Tudo na Irmandade me deixava os cabelos em pé.

— Precisas de passar mais tempo com humanos — disse Arlene. A sua boca era uma linha perfeita e os olhos extremamente maquilhados estreitaram-se com intensidade. Arlene nunca fora o que alguém chamaria uma pensadora profunda, mas espantava-me e desgostava-me a rapidez com que fora sugada pela forma de pensar da Irmandade.

— Passo noventa e cinco por cento do meu tempo com humanos, Arlene.

— Devia ser cem por cento.

— Arlene, de que forma é que isso te diz respeito? — A minha paciência estava próxima do esgotamento.

— Tens feito tantas horas porque vais com um bando de vampiros a um encontro qualquer, não é?

— Mais uma vez, que te importa isso?

— Fomos amigas durante muito tempo, Sookie, até aquele Bill Compton entrar no bar. Agora, estás sempre com vampiros e tens pessoas esquisitas a viver em tua casa.

— Não preciso de te dar justificações — disse, perdendo as estribeiras. Conseguia ver o que pensava. Conseguia ver a satisfação provocada pelo julgamento moralista. Magoava-me. Roía-me. Cuidara-lhe dos filhos, confortara-a quando fora abandonada por uma sucessão de homens que não a mereciam, limpei-lhe a caravana, tentei encorajá-la a sair com homens que não a tratassem mal. Agora, via-a fitar-me, verdadeiramente surpreendida pela minha irritação.

— Obviamente, falta muita coisa na tua vida se precisas de a preencher com esta porcaria da Irmandade — disse-lhe. — Olha para os tipos impecáveis com que escolhes namorar e casar. — Com aquele golpe baixo nada cristão, voltei-lhe costas e saí do bar, grata por ter ido já buscar a bolsa ao gabinete de Sam. Nada seria pior do que ter de travar uma saída dramática.

De alguma forma, Pam estava a meu lado, tendo-me alcançado tão rapidamente que nem sequer a vira mover-se. Olhei sobre o ombro. Arlene estava de pé, encostada à parede, com uma expressão distorcida pela dor e pela fúria. O meu golpe final atingira o alvo. Um dos namorados de Arlene roubara as pratas da família e os seus maridos... era difícil saber por onde começar.

Chocava-me o ataque verbal de Arlene e a minha fúria.

— Não devia ter dito nada sobre ele — disse. — Lá porque um dos maridos da Arlene era um assassino, isso não me obriga a ser desagradável. — Canalizava o que diria a minha avó e percebê-lo fez-me soltar uma gargalhada trémula.

Pam era um pouco mais baixa do que eu e erguia o olhar para mim com curiosidade enquanto lutava para me controlar.

— Aquela é uma pega — considerou.

Retirei um lenço de papel da bolsa para secar as lágrimas. Era

frequente que chorasse quando me enfurecia. Odiava isso. Chorar fazia-me sentir fraca, independentemente do motivo.

Pam segurou-me a mão e limpou-me as lágrimas com um polegar. O efeito enternecedor foi reduzido quando enfiou o polegar na boca, mas calculei que a intenção tivesse sido boa.

— Não lhe chamaria pega, mas não é tão cuidadosa como poderia ser na escolha dos seus homens — admiti.

— Porque a defendes?

— Por hábito — respondi. — Fomos amigas durante muitos anos.

— Que fez a sua amizade por ti? Que benefício houve?

— Ela... — Parei para pensar. — Acho que me permitiu dizer que tinha uma amiga. Gostava dos filhos dela e ajudava-a com eles. Quando não podia trabalhar, fazia os seus turnos e, se trabalhasse por mim, limpava-lhe a caravana em troca. Vinha visitar-me quando adoecia e trazia-me comida. Acima de tudo, tolerava as nossas diferenças.

— Usava-te e sentias-te grata por isso — disse Pam. A sua face branca e inexpressiva não me permitia adivinhar o que sentia.

— Ouve, Pam, não era assim.

— Então como era, Sookie?

— Gostava mesmo de mim. Passámos bons tempos.

— É preguiçosa. Isso estende-se às suas amizades. Se for fácil ser simpática, sê-lo-á. Se o vento soprar de outra direcção, a amizade desaparecerá. E parece-me que o vento mudou. Descobriu outra forma de se sentir importante. Odiando os outros.

— Pam!

— É ou não verdade? Passei anos a observar as pessoas. Conheço-as.

— Há verdades que devem ser ditas e verdades que devemos calar.

— Há verdades que preferias que calasse — corrigiu-me.

— Sim. É... verdade.

— Então deixo-te e regresso a Shreveport. — Pam voltou-se para contornar o edifício até ao carro estacionado diante do bar.

— Ei!

Virou-se novamente para mim.

— Sim?

— Afinal, o que te trouxe aqui?

Esboçou um sorriso inesperado.

— Além de te fazer perguntas sobre a tua relação com o meu criador? E do bónus de conhecer a tua companheira de casa encantadora?

— Ah. Sim. Além disso tudo.
— Queria falar contigo sobre o Bill — disse, surpreendendo-me por completo. — Sobre o Bill e sobre o Eric.